



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

Centro de Letras e Artes - CLA

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas – PPGEAC

MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES CÊNICAS

**DIÁRIO DE CLASSE: O TEATRO COMO FERRAMENTA DE
TRANSFORMAÇÃO PESSOAL E COLETIVA
DENTRO DA ESCOLA PÚBLICA**

ROSA MARIA FELIX BARBOSA

UNIRIO

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

Centro de Letras e Artes - CLA

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas – PPGEAC

MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES CÊNICAS

**DIÁRIO DE CLASSE: O TEATRO COMO FERRAMENTA DE
TRANSFORMAÇÃO PESSOAL E COLETIVA
DENTRO DA ESCOLA PÚBLICA**

ROSA MARIA FELIX BARBOSA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes Cênicas.

Orientadora: Prof^a Dra. Elza Maria Ferraz de Andrade

Linha de Pesquisa: Processos Formativos Educacionais – PFE

UNIRIO

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

UNIRIO - PPGEAC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS

MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS

**DIÁRIO DE CLASSE: O TEATRO COMO FERRAMENTA DE
TRANSFORMAÇÃO PESSOAL E COLETIVA
DENTRO DA ESCOLA PÚBLICA**

Por ROSA MARIA FELIX BARBOSA

BANCA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Profa. Dra. Elza Maria Ferraz de Andrade (Orientadora)

Profa. Mestre Clarisse Mendes Lopes (UNESA)

Profa. Dra. Marina Henriques Coutinho (UNIRIO)

Rio de Janeiro, 18 de junho de 2020.

Dedicatória

Para minha mãe, Graça Felix, meu maior exemplo de que educação também é amor.

Agradecimentos

À minha orientadora, Elza de Andrade, por ter sido sabedoria e luz em meio ao caos; por ter sido respeito e apoio; por ter acreditado no meu trabalho quando eu duvidei de mim.

Ao meu pai, Paulo César Barbosa, por ser exemplo de cuidado, resiliência e confiança, e ao meu irmão, Sihan Felix, por todo o suporte quando eu me vi perdida e por completar a base da estrutura mais forte que tenho na vida: a família.

Aos meus alunos, em especial à Família do Teatro, por terem me transformado na professora que sou hoje; por terem confiado em mim e no meu trabalho. Eu amo vocês.

Aos professores que trabalham comigo na escola, por serem força, coragem e inspiração.

Aos amigos Bianca Pieroni, Deivison Santana e Martina Nagamatsu, por todo apoio e amor; por acreditarem em mim.

Aos colegas do Mestrado Profissional em Artes Cênicas, por tornarem essa jornada mais leve e divertida.

À vida, por ser tão generosa comigo.

RESUMO

A presente dissertação apresenta como o ensino de arte, especificamente de teatro, pode contribuir no desenvolvimento emocional e intelectual de alunos da rede pública do Rio de Janeiro. Observando três importantes pontos: educação, psique (destacando parte da teoria de Carl Gustav Jung sobre a evolução da mente humana, sua teoria dos arquétipos, em especial Persona, Sombra, Anima, Animus e Eu.) e arte. A dissertação ainda apresenta exemplos práticos, esclarecendo como o Teatro pode ser inserido no contexto de mudança do pensamento e construção individual de jovens estudantes de escola pública, explorando quais os meios e fins das Artes Cênicas e sua forma de contribuição para o indivíduo dentro do contexto escolar. Tentando apresentar, por meio de teoria e prática, a importância do teatro na educação básica e sua relevância enquanto disciplina independente.

Palavras-chaves: teatro, artes cênicas, educação, arquétipos, símbolos, criatividade, personagem

ABSTRACT

This dissertation presents how creative arts teaching, specifically drama, can contribute to the emotional and intellectual development of students from public schools in Rio de Janeiro, observing three important points: education, psyche (highlighting part of Carl Gustav Jung's theory about the evolution of the human mind, his theory of archetypes, in particular Persona, Shadow, Anima, Animus and self.) and art. This dissertation also presents practical examples, clarifying how the theater can be inserted in the context of changing thinking and individual construction of young students from public school, exploring what are the means and ends of the Scenic Arts and their contribution to the individual within school context. Trying to present, through theory and practice, the importance of theater in basic education and its relevance as an independent discipline.

Keywords: theater, Scenic Arts, education, archetypes, symbols, creativity,

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	AFETO	10
Imagem 2	AFETO	10
Imagem 3	BRINCAR	13
Imagem 4	DIVERSÃO	13
Imagem 5	PERSONAGENS	20
Imagem 6	SOMBRA	23
Imagem 7	ENSAIANDO A MUDANÇA	31
Imagem 7, 8, 9	A SALA DE ARTES CÊNICAS	34
Imagem 10	ALICES	36
Imagem 11	A REVIRAVOLTA DAS HISTÓRIAS	37
Imagem 12	FAMÍLIA DO TEATRO	38
Imagem 13, 14	JOGOS E IMPROVISAÇÕES	40
Imagem 15	CONTANDO HISTÓRIAS	43
Imagem 16	CAMINHANDO	44
Imagem 17	ESTUDANDO O ROTEIRO	45
Imagem 18	CRIANDO O CENÁRIO	46
Imagem 19	FALAR E OUVIR	52
Imagem 20, 21	NÓS FAZEMOS TEATRO, QUAL É O SEU PODER?	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
Capítulo 1: CAMINHOS...	08
1.1. Pelos Caminhos da Educação	08
1.2. Pelos Caminhos da Mente	15
1.2.1. Mas, afinal, quem foi Jung e qual a sua importância para este trabalho?	16
1.2.2. Arquétipos: Persona, Sombra, Anima, Animus, Eu	21
1.3. Individuação	27
1.4. Pelos Caminhos da Arte	28
Capítulo 2: A TEORIA QUE SE TRANSFORMA EM PRÁTICA	33
2.1. Um Lugar Chamado Campo Grande	33
2.2. A Turma do Teatro	35
2.3. A Família do Teatro	39
2.4. Deu Tudo Errado	48
Capítulo 3: CAMINHOS QUE LEVAM À TRANSFORMAÇÃO INDIVIDUAL E COLETIVA	51
3.1. História dos Alunos	53
3.1.1. Pedro	53
3.1.2. Luiza	55
3.1.3. Daniel	57
3.1.4. Viviane	59
3.1.5. Maria	61
3.1.6. Alice	63
3.2 Psicóloga?	64

CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
O Final que é um Início	66
A Esperança	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70
ANEXO 1 – ENTREVISTAS COM OS ALUNOS	73
ANEXO 2 – DEPOIMENTOS DE DESPEDIDA	79
ANEXO 3 – ROTEIRO BASEADO EM “ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS”	84
ANEXO 4 – ENTREVISTA COM OS PERSONAGENS	91
ANEXO 5 – ROTEIRO “A REVIRAVOLTA DAS HISTÓRIAS”	93
ANEXO 6 – A FALA DOS JURADOS	102
ANEXO 7 – IMAGENS	103

INTRODUÇÃO

Em 1989, na cidade do Recife, capital de Pernambuco, eu nasci. Segunda e última filha de uma família humilde, mas cheia de amor. Morei na periferia de Olinda até os 18 anos. Lá, comecei a estudar música, por influência de meu irmão, e ingressei nas aulas de piano, violino, canto e teoria. A sementinha da arte havia sido plantada. Aos 13 anos, percebi que, embora gostasse muito de música, eu estava apenas imitando alguém que eu admirava (e ainda admiro), foi quando decidi estudar teatro e entrei em um curso no Teatro de Amadores de Pernambuco, onde permaneci até os 17 anos, além de aproveitar os outros cursos e oficinas que as cidades de Recife e Olinda ofereciam.

Na época do vestibular, eu fiz prova para Psicologia em Recife e para bacharelado em Artes Cênicas no Rio de Janeiro. Passei nos dois, mas escolhi estudar teatro. Dentro da universidade, eu descobri que a educação também poderia ser um caminho interessante e, assim, surgiu uma nova paixão: ensinar, trocar, transferir e receber. Então, após o bacharelado, retornei para a graduação para fazer as matérias da licenciatura. Em minha, ainda pouca, experiência como professora e atriz, fui descobrindo o poder direto que a arte tem sobre as pessoas e percebi que faltava alguma coisa. Assim, curiosa que sou, encontrei a arteterapia. Um ciclo que se fecha, mas que, longe de terminar, estava apenas começando. Hoje eu sei que meus desejos e minhas escolhas não estão separados.

Esse trabalho é, portanto, fruto dessa união entre teatro, educação e psicologia que vem crescendo e se fortalecendo com o passar dos anos. União que tem sido sustentada pelo trabalho que realizo com pré-adolescentes e adolescentes em uma escola pública, a partir das respostas que eles me dão, do brilho nos olhos e da sensibilidade que têm quando o assunto é teatro, desde as cenas que assistiam, passando pelas cenas e personagens que criavam, até as relações que foram construídas. Escrevo esse trabalho para multiplicar a minha experiência, para ecoar a voz de meus alunos, para mostrar a necessidade urgente da arte e da sensibilidade e para contribuir com a valorização da educação artística na educação básica pública.

Em 1989, nascia em Jenin, em um campo de refugiados na Palestina ocupada, do outro lado do oceano, o *Freedom Theatre*, projeto idealizado por uma israelita, Arna Mer-Khamis (1929-1995), casada com um palestino. Uma mulher que dedicou a sua vida à luta pela liberdade e pelos direitos humanos. O programa da escola foca em

especial nas questões relacionadas à resistência cultural, combinando teoria e prática, criando não apenas uma geração de artistas, mas também líderes, que se posicionam à frente da luta de libertação palestina. Para as pessoas que fazem parte do *Freedom Theatre*, a arte não é uma maneira de fugir da realidade, é uma ferramenta na busca por justiça e igualdade.

O centro cultural realiza diversas oficinas de teatro em campos de refugiados, vilas e aldeias, além disso, promovem espetáculos, exposições, filmes e realizam treinamento também para as artes visuais. Através do programa educacional, focado especialmente no teatro e nas artes visuais, os alunos conhecem métodos de todo o mundo, desenvolvendo habilidades que podem ser usadas na carreira que escolherem seguir, não necessariamente a das artes.

O trabalho que tem como base o teatro, parte do princípio de que qualquer atividade artística pode combater os transtornos gerados pela guerra que assola a comunidade palestina há décadas. Não se trata de um trabalho filantrópico e sim de usar a arte com arma de combate. E combate, nesse caso, não significa derrotar fisicamente o inimigo, mas transformar o cenário e o interior de diversas pessoas que vivenciam a guerra todos os dias. Significa, também, denunciar, desmascarar e entregar o inimigo; derrotar injustiças, superar limites e preconceitos; significa tornar-se um conhecedor de si mesmo, de seus potenciais e possíveis escolhas.

Quando um indivíduo conhece a si mesmo e ao próprio corpo, ele pode decidir seguir ou alterar seu modo de caminhar, falar, observar, mexer a cabeça, fazer escolhas e lutar. O teatro dá a oportunidade de o indivíduo tomar decisões impensáveis no momento, dá a chance de pensar em como poderia ser; coloca o indivíduo em posição de decisão, o faz pensar coletivamente. É nisso que o *Freedom Theatre* acreditava no início e segue nessa crença, cada vez mais forte, até hoje. Salvando, ocupando e melhorando a vida de quem nasceu no conflito.

Em 1989 eu nascia. Mas a luta correspondente ao presente texto só começaria em 2017, quando iniciei meu trabalho como docente em uma escola municipal do Rio de Janeiro. Lecionando Artes Cênicas para crianças e adolescentes entre 12 e 15 anos, imergi em um universo completamente diferente da minha experiência anterior, como atriz e arteterapeuta em Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI).

São muitos os fatores que podem levar um idoso a viver em residência de longa permanência, desde sua própria vontade, até a escolha dos parentes mais próximos,

geralmente os filhos, por motivos emocionais ou de saúde, sendo esse tipo de instituição visto como a melhor alternativa em muitos casos. O público alvo das ILPIs são pessoas com mais de 60 anos de idade, geralmente com algum tipo de dependência. Mas, como qualquer instituição que abrigue diversos tipos de pessoas, esses locais possuem regras, a fim de unificar e agilizar o serviço dos funcionários, desde horários para acordar, dormir e ir ao banheiro, até a proibição de atravessar as portas que separam a instituição do resto do mundo. O interno realiza todas as suas atividades diárias na companhia de um grupo, muitas vezes desconhecido. Essas regras, é claro, prejudicam a autoestima, autonomia e individualidade das pessoas. Meu trabalho era sempre realizado em três etapas: Diagnóstico, em que os materiais eram apresentados; Desdobramentos, em que estímulos geradores foram introduzidos; e, por fim, Processos Autogestivos, que contavam com a direta participação dos integrantes do grupo na escolha das atividades. As atividades eram realizadas com diversas linguagens expressivas, tais como desenho, pintura, colagem, escrita criativa e, especialmente, teatro. O grupo nunca ultrapassava oito idosos, homens e mulheres com idades que variavam entre 75 e 95 anos, todos com algum grau de demência ou doença de Alzheimer.

Apesar do aumento do número de idosos no país, parte da sociedade e dos serviços oferecidos, públicos ou privados, não estão preparados para essa transição. Envelhecer tornou-se um desafio e implica em superar, ou ignorar, diversas mudanças que, inclusive, fazem parte da evolução humana, mas tornaram-se ideais da sociedade atual, tais como o bom condicionamento físico e a beleza exterior. Mas, independentemente do motivo que os levaram até lá, esta é uma condição que também acarreta muitas perdas e os fragilizam emocionalmente.

O trabalho era realizado de forma transdisciplinar por envolver campos de conhecimentos distintos, como a psicologia, a criatividade e a arte com todas as suas já citadas inúmeras linguagens. Cada técnica é capaz de fazer o sujeito que a utiliza produzir símbolos, que ganham essa definição quando o seu significado vai além da sua imagem imediata. No entanto, cada técnica possui indicações e propriedades distintas que devem ser conhecidas pelo profissional que a está utilizando e que servirão de base para desvelar, desmembrar e ampliar as descobertas da atividade expressiva.

Por exemplo, a Colagem tem a capacidade de ordenar, estruturar e integrar, é facilitadora do início de processos com terapias expressivas, possui um nível de dificuldade operacional muito baixo e descomplica as possibilidades de desdobramento.

Já a Fotografia é capaz de registrar fragmentos afetivos, resgatar memórias e proporcionar uma melhor percepção da autoimagem. Enquanto isso, a Pintura é capaz de causar grande mobilização emocional, especialmente por conta das cores, que podem ser de tons quentes e frios e, ainda, por possuir uma gama enorme de materiais que se modificam no que diz respeito à textura, tempo de secagem, fluidez, brilho etc. Os materiais iam sendo escolhidos de acordo com o desenvolvimento do grupo e a cada semana as atividades eram elaboradas.

Já no meu trabalho como professora, eu havia me deparado com novos desafios e um objetivo: dar assistência ao desenvolvimento intelectual e, principalmente, emocional dos jovens estudantes; reconhecendo e valorizando a capacidade criativa de cada um, observando suas criações simbólicas e os ajudando a encontrar possíveis caminhos.

Nesse cenário, deparei-me com dificuldades que passavam pela estrutura, pelo próprio sistema de ensino e, principalmente, pelo contexto social em que os alunos estão inseridos. Percebi que era comigo, durante as aulas de Artes Cênicas, que os maiores medos, angústias, sofrimentos e vergonhas eram revelados. Bem como também era nas aulas de teatro que alguns alunos surpreendiam, mostrando a coragem que qualquer exposição exige, com atitude para tomar decisões e com generosidade para acolher os colegas ainda sem equipe ou considerar a ideia do outro melhor do que a sua. Mais do que fazer uma aula de Teatro, muitos alunos usavam o momento artístico para doar-se por completo.

Dar aula se tornou um desafio ainda maior nesse ambiente. Seria necessário fazê-los tomar a iniciativa para além da escola, romper com o pré-estabelecido, criar e alargar fissuras, alterar os dados.

[...] precisamos agir, fazer algo, romper o terror de nossa corrida precipitada em direção à destruição. Perguntando caminhos, mas é caminhando, não ficando parados, que desenvolvemos nossas questões. Melhor sair do que talvez seja a direção errada e ir criando o caminho, ao invés de continuar na direção equivocada e debruçar-se sobre um mapa que não existe. Então, guardemos nossos medos e dúvidas e olhemos para o manancial de esperança, as milhões de tentativas de romper com a lógica da destruição. (HOLLOWAY, 2013, p. 17).

Seria preciso fazê-los reconhecerem a si próprios como agentes transformadores da própria realidade. Para tanto, foi necessário mudar a minha postura. Eu não estou na escola pública cumprindo uma missão, eu estou ali, obviamente, porque preciso do

trabalho e, mais do que isso, porque quero lutar ao lado deles. Eu não tenho pena dos meus alunos, porque acredito que essa geração de crianças pode ter mais força, coragem e esperança para lutar. Não quero que os olhem como meninos pobres sem oportunidade, quero que enxerguem que essa desigualdade tão gritante em nosso país está errada e precisa ser extinta. Não quero uma chance para eles, quero chances iguais para todos. Minhas crianças não são dignas de piedade, elas são dignas de respeito.

Determino, aqui, uma relação com o já citado *Freedom Theatre*: lá em Jenin eles estão lutando em uma guerra sangrenta, perturbadora, física, desigual e com fins territoriais, além da luta que travam com seu próprio povo que tem se tornado cada vez mais conservador. Aqui, os professores da educação básica pública estão vivendo uma guerra silenciosa, contra uma desigualdade que assola o país desde sempre, motivando um público que não entende o valor da escola, em oposição a uma sociedade cega e doente, batalhando em condições de trabalho incompatíveis com o ideal da educação, enfrentando, por diversas vezes, a violência de alunos sem nenhuma estrutura familiar e com um exército que precisa compreender o seu potencial. Em ambos os cenários, não estamos apenas a ensinar teatro:

[...] estamos a ensinar a vida, estamos a ensinar direções, [formas de] pensamento criativo e isso é absolutamente necessário aqui porque as pessoas têm um grande círculo de depressão e pressão em torno das suas cabeças que não permite que a sua imaginação funcione. (COSTA, 2004, p. 194).

Não é novidade que a inserção das Artes Cênicas no ambiente da criança em desenvolvimento promove a socialização, estimulando imaginação, autenticidade, responsabilidade, disciplina, autoconfiança, a coragem para tomada de decisões, a escuta e a consciência corporal. O teatro é ferramenta para amplificar a voz de quem precisa. Para Torres-Godoy (2001, p.27) “as pessoas são intrinsecamente ‘dramáticas’ em seu desenvolvimento”.

Nesse caminho, as possibilidades das Artes Cênicas são inesgotáveis, assim como nossos inúmeros personagens interiores. Mas a criatividade, a força de vontade, a curiosidade, a alegria e o brilho no olho com cada passo do processo evolutivo também são aliados nessa eterna investigação. Nós, professores, trabalhamos com pessoas. E pessoas são muitas, são múltiplas, são complexas, e podem ser criadoras de inúmeros métodos, mapas, processos, caminhos e trilhas; podem sonhar, desejar e realizar.

No entanto, para entender um pouco mais desse percurso, é necessário mergulhar no universo da educação pública básica brasileira, especificamente no Rio de Janeiro, compreendendo onde, com quem e de que maneira o teatro foi aplicado em sala de aula; entendendo as bases do desenvolvimento humano e como o teatro contribuiu com o seu amadurecimento.

Para tanto, busquei realizar um levantamento bibliográfico acerca dos principais temas do presente trabalho bem como suas possíveis ligações: educação, teatro e psicologia analítica. A partir das minhas experiências em sala de aula, segui com minha pesquisa utilizando aspectos de alguns métodos: baseado nas minhas experiências e em alguns casos particulares, analisando as similaridades e diferenças entre meus alunos, tentando sempre respeitar suas questões pessoais, e entrevistando e conversando com eles. A pesquisa tornou-se descritiva, por levar em consideração algumas turmas específicas e narrar, como um diário, diversos fatos que ocorreram, bem como explicativa, por tentar identificar e explicar quais fatores determinaram as transformações e relações criadas, levando em consideração a qualidade dos fatos e não a quantidade de acontecimentos.

Meus objetivos foram definidos a partir de meus interesses como professora, além das possibilidades que estavam ao meu alcance dentro do universo em que trabalho e que levariam a um objetivo final: como o ensino de arte, especificamente do teatro, pode contribuir no desenvolvimento emocional e intelectual de alunos da rede pública do Rio de Janeiro, analisando suas relações e símbolos criados.

No Capítulo 1 escrevo sobre três importantes pontos para o desenvolvimento desse trabalho: Educação, Psique e Arte. Na Educação, caminho um pouco sobre a realidade que é ser professora de uma escola pública na Zona Oeste do Rio de Janeiro, revelando pontos importantes de minha prática, como a honestidade e o afeto; comentando como o ensino do teatro ainda é visualizado e quais os seus objetivos nesse contexto, de forma a acrescentar questões e fortalecer a estrutura do ensino das Artes Cênicas. Na Psique, caminho sobre o labirinto da mente, destacando parte da teoria de Carl Gustav Jung sobre a evolução da mente humana, sua teoria dos arquétipos, em especial persona, sombra, anima, animus e eu. Finalizo o capítulo falando sobre os percursos da Arte e suas múltiplas possibilidades dentro de sala de aula, demonstrando em síntese, que o Teatro serve muito mais do que forma de expressão do sujeito,

possibilitando conhecer melhor o próprio indivíduo, uma ferramenta desafiadora porque pode ser capaz de fazer o aluno conhecer melhor a si mesmo e colocar-se no mundo.

No Capítulo 2, eu procurei relacionar teoria e prática, revelando aspectos importantes sobre o meu local de ensino, desde a região até a minha sala dentro da escola, sobre as turmas em que leciono, destacando uma classe importante e que deu sentido para toda a minha pesquisa; esclarecendo como o Teatro pode ser inserido no contexto de mudança do pensamento e construção individual de jovens estudantes de escola pública, aproveitando todos os aspectos das Artes Cênicas, tais como: criação de personagens, desenvolvimento de histórias, concepção de cenário e figurino etc. Ainda, aproveito para esclarecer que nem sempre tudo é perfeito e trago como exemplo uma turma que colocou em xeque minha paixão e vontade de ser professora. Por fim, trago o Capítulo 3, em que estreito a ligação entre teoria e prática e falo sobre as mudanças de alguns alunos de forma individual, explorando quais os meios e fins das Artes Cênicas e sua forma de contribuição para o indivíduo dentro do contexto escolar.

Esse não é um trabalho sobre os meus alunos, é um trabalho com os meus alunos. Não é um trabalho que eu desenvolvi para eles, eu desenvolvi por causa deles. É um exercício diário de humildade: eu sou professora porque eles me fizeram professora. A academia me deu um projeto, mas meus alunos construíram (e desconstruíram muitas vezes) o edifício que é a minha prática. Nessa torre sem fim, cada andar é feito e refeito todos os dias. Essa dissertação não é apenas uma dissertação, é um diário, uma conversa, um desabafo e uma reflexão. Convido-os a embarcar comigo nessa jornada de arte, educação e afeto.

CAPÍTULO 1: CAMINHOS...

1.1. Pelos Caminhos da Educação

Ser professora não é tarefa das mais fáceis. A educação pública no Rio de Janeiro dificulta ainda mais. Existe um sistema composto por diversas regras que você precisa se adaptar, driblar ou romper, por diversas vezes não como você gostaria. São mais de quarenta alunos em sala de aula, por inúmeras vezes falta material, falta água na escola, a merenda não chega, não tem funcionários suficientes.

Quando eu decidi fazer a Licenciatura em Teatro, eu tinha planos que, hoje eu percebo, eram extremamente ingênuos, embora eu tentasse sempre ser bastante sensata. Mas eram lindos e foram meu ânimo e estímulo para seguir. Cumpriram seu papel. Quando eu comecei a estudar para concurso público, eu sabia que a vida de um professor não era nem um pouco fácil. Mas eu quis. Quando eu passei em todas as provas e me tornei oficialmente professora de Artes Cênicas do ensino público de base do Rio de Janeiro, foi uma grande vitória, mas foi também o meu primeiro grande baque na profissão. Não era difícil como eu havia imaginado realista que sou, era ainda pior.

No primeiro dia eu chorei a noite inteira e não queria mais voltar. Mas eu fui. No segundo dia eu não chorei mais. E foi assim desde então. Em alguns dias eu ainda penso em ir embora, mas a maior parte do tempo eu quero trabalhar. Não foram eles que mudaram para que eu quisesse continuar. Quem mudou fui eu. Mudei e mudo todos os dias a minha forma de olhar para a educação. Toda e qualquer questão relacionada a caráter, respeito, empatia, liberdade, discernimento e escolhas ganham interpretações que, às vezes, eu não consigo explicar.

Essa profissão testa meu limite, coloca-me em xeque todo dia e me faz perceber que eu ainda aguento mais. Esse sistema não quer saber se isso me machuca. Foi na prática que eu percebi que não ia conseguir trazer todo mundo. Eu tinha uma ideia utópica sobre a educação: eu queria levar esperança, conhecimento, amor e novas experiências para todos, sem exceção. Mas a realidade é outra. Se antes eu queria mudar o mundo, hoje eu sou mais humilde e aceito tocar o coração de alguns, a começar pelo meu.

Na minha primeira semana como professora da rede pública, eu decidi trabalhar com improvisação. Parecia simples, livre e sempre funcionava na universidade. Foi meu primeiro choque de realidade: Como eu vou improvisar o que eu não sei? Sensações que

desconheço? Sentimentos que não fazem parte do meu cotidiano? Trabalhar improvisação sem levar em conta que a realidade dos alunos fora do local de aula é arriscado e pode acabar sendo um caminho perigoso. Foi quando eu descobri que a realidade de uma parcela grande dos meus alunos pode ser cruel e violenta: temas como assassinatos, exploração, abusos psicológicos e sexuais chegaram aos montes, em cenas que pareciam normais e até engraçadas para eles. Demorei cerca de quatro meses com novos exercícios, apresentando regras e teorias para conduzir a situação por um caminho mais adequado, de conhecimento e transformação. Recorri a alguns autores que serão expostos no presente trabalho, como Augusto Boal e seu incansável meio de ver a arte como ferramenta para transformar a realidade; Paulo Freire e a importância do meu exemplo dentro de sala, para que minhas palavras nunca estejam desconectadas do meu exercício enquanto docente; Viola Spolin e a importância do jogo na evolução do sujeito; Rubem Alves e a minha verdade, honestidade e alegria ao ensinar; Carl Gustav Jung e a importância da arte no desenvolvimento psíquico, dentre outros, não apenas como teoria, mas como exemplo, como prática, como um meio de modificar as circunstâncias. Agora eu preparo o campo para eles. Não por medo, mas por ter cuidado e carinho por cada vida que está na minha sala de aula.

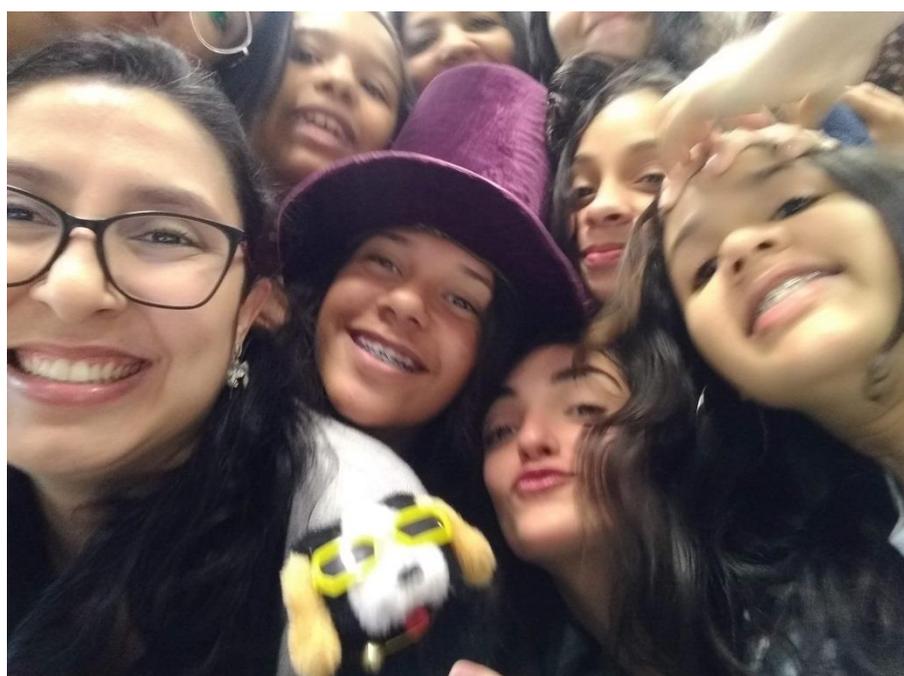
Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo. Esse fortalecimento não ocorrerá se nos recusarmos a nos abrir ao mesmo tempo em que encorajamos os alunos a correr riscos. [...] Nas minhas aulas, não quero que os alunos corram nenhum risco que eu mesma não vou correr [...]. (HOOKS, 2017, p.35)

Conhecer meus limites para então compreender o limite do próximo. Esse sistema de ensino que coloca 44 alunos em uma sala, com diferentes perspectivas, vindos de lugares distintos, com famílias quase nunca estruturadas, destrói com seu planejamento: nem tudo está nos livros. Cada pessoa, cada sala de aula, cada escola e cada bairro são únicos. O sistema comeu meus planos de aula eu refiz. O sistema rompeu com minha harmonia, eu reestruturei. É muito maracujá e meditação. Todo dia eu começo de novo. Tem muito profissional incrível junto comigo, tem muita criança que segura na minha mão metafóricamente e me pede para não desistir. Quando eu comecei a lecionar, confesso que me senti extremamente perdida e por diversas vezes

fui falha (ainda sou). Mas eu tinha em mente dois princípios de sentimento-ensino que eu sigo até hoje: sinceridade e afeto.

A primeira (a sinceridade) me leva a ser sempre honesta com os meus alunos, me faz sempre encontrar maneiras de dizer a verdade e de estimulá-los a fazer o mesmo. Faz-me encontrar caminhos para que o que eu julgo como verdade não os machuque e me faz estar atenta à verdade do outro. Eu sou sempre sincera, mas não estou sempre certa.

Imagens 1 e 2: AFETO



Afeto: eu diria que é a parte mais importante da minha prática, retira-me da posição de professora e me aproxima deles apenas como pessoa.

Quando eu digo que o afeto é um dos pilares mais importantes da minha prática, eu reconheço a responsabilidade que isso me traz. Quando eu pergunto para um aluno se está tudo bem, eu não torço para ouvir uma resposta simples e que seja capaz de encerrar a conversa naquele ponto, eu torço para ouvir a verdade. Eu quero que meus alunos saibam que eles importam, que o que eles sentem importa, e que eles não precisam me dar uma resposta mecânica e vazia.

Como professora e, mais do que isso, como alguém interessada na afetividade que gere as relações, eu percebo que essa é porta principal para outras conquistas. Se eu me sinto segura em um ambiente, eu consigo aprender melhor, eu tenho coragem para sanar dúvidas, eu consigo me expressar mesmo depois de um dia ruim.

[...] é possível reafirmar que relações pedagógicas são relações afetivas. A escola pode ser um espaço a contribuir, através dos educadores e educadoras, para que as novas gerações possam "aprender" formas humanamente mais afetivas de se relacionar. As gerações já constituídas, por sua vez, podem reaprender, dialogicamente, com as novas gerações que vão chegando. Sobretudo, através do processo educativo, todas as gerações poderão reconhecer, valorizar e lutar para que as relações sejam mais sensíveis e afetivas. Podemos, então, retirar a afetividade do silêncio e entender que, quando silenciada, temos mais impedimentos do que potenciais, nos tornamos mais empobrecidos como pessoas, tiramos o colorido da vida e a jogamos no preto e branco. (SABINO, 2012, p. 130).

Existe uma série de normas e regras que eu preciso seguir. Antes de chegar a ser professora, eu passei por diversas outras experiências, eu estudei e realizei exames. Porém, acima de todos os protocolos, acima de todo o meu profissionalismo, de todos os diplomas, cursos e congressos que participei, está o ser humano que eu me tornei e, ao me relacionar com meus alunos, essa é a parte mais significativa. Mais do que ensinar teatro, o importante é aproveitar o modo como isso é feito.

Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina, não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. É a preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade. É o respeito jamais negado ao educando, a seu 'saber de experiência feito' que busco superar com ele. Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é a minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço. (FREIRE, 2011, p. 101).

Eles (meus alunos) podem não se lembrar de nenhuma atividade no futuro, mas suas memórias emotivas e corporais não esquecerão a alegria, a disciplina, a capacidade de criar e seguir regras, o prazer de trabalhar em equipe, os desafios de estar só e o exemplo. Quando um aluno que não vai ter aula comigo naquele dia me procura apenas para me abraçar, eu sei que estou no caminho certo: não, não se trata de vaidade: trata-se de reconhecer que ensinar teatro é, antes de tudo, ensinar um novo modo de ver e estar no mundo; apresentar novas possibilidades de sentir e se expressar; mostrar e demonstrar que amar o próximo é um ato de coragem.

Em uma das entrevistas (Anexo 1, p.72-77) acerca do meu posicionamento em sala que costumo realizar com os alunos para compreendê-los melhor e aprimorar minha prática levando em conta a opinião deles, duas das coisas mais citadas foram a sinceridade e, principalmente o afeto:

"Eu gosto daquele jeito dela de nos ensinar a respeitar a todos, de nos divertir no palco, do jeito dela carinhoso e acolhedor de ser com cada um de nós. Ela realmente nos passa o sentimento de que somos uma família." (Jheniffer, 13 anos). (Anexo I, p. 73)

"O que eu mais gosto é a sinceridade, porque ela SEMPRE diz a verdade para nós, eu acho até engraçado o nível de sinceridade dela com a gente." (Pedro, 13 anos). (Anexo I, p. 73)

"[...] Eu gosto muito da paciência que ela tem, dos cuidados que ela tem com a gente e do amor que ela transmite." (Lays, 13 anos). (Anexo I, p. 76)

Tais princípios de sentimento-ensino me fizeram ter a certeza de que arte na educação vai muito além do conhecimento. Por muito tempo, eu fiquei chateada quando alguém dizia que a minha aula era diversão e que os alunos gostavam da minha aula porque também podiam brincar. Por algum tempo, eu lutei para que essas palavras “diversão” e “brincadeira” desaparecessem das reuniões. Eu queria ser levada a sério, eu queria que as pessoas respeitassem a arte e reconhecessem a importância das aulas de teatro no desenvolvimento daquelas crianças. Hoje eu sei que eu estava lutando da forma errada.

A improvisação, a composição, a literatura, a pintura, o teatro, a invenção, todos os atos criativos são formas de divertimento, o ponto de partida da criatividade no ciclo do desenvolvimento humano e uma das funções vitais básicas. Sem divertimento, o aprendizado e a evolução são impossíveis. O divertimento é a raiz de onde brota a arte original [...] O trabalho criativo é divertimento. (NACHMANOVITCH, 1993, p. 49).

Imagem 3 - BRINCAR



Imagem 4 - DIVERSÃO



Eu não preciso anular a diversão e a brincadeira para que o reconhecimento e a valorização existam; pelo contrário: brincar faz parte da evolução, da expressão, da comunicação, da disciplina.

Eu faço amigos, eu compreendo regras e eu aprendo enquanto brinco. Além disso, estudar teatro permite um melhor desenvolvimento das emoções. Todas as pessoas nascem com a capacidade de sentir e de se emocionar, cada uma da sua maneira. O teatro nos ajuda a estabelecer um controle e uma ordem para tais emoções. O estudo da arte ainda está relacionado ao desenvolvimento da inteligência em diversas áreas:

Hoje se tem como certo que, além da capacidade de raciocínio lógico que sempre caracterizou a inteligência, ela ainda se revela por outras habilidades inteligentes como a sensibilidade em relação às cores, aos sons e às imagens e à capacidade de nos expressarmos por meio dessas linguagens. Desenvolvermos essa capacidade é, portanto, nos tornarmos mais inteligentes. (COSTA, 2004, p.13).

O teatro não apenas contribui no desenvolvimento da criatividade, da sensibilidade, despertando a noção de conceitos estéticos, da história da humanidade e de coletividade, contribuindo com a inserção social e a capacidade de expressão, como também estimula a inteligência de forma mais abrangente. E mais: torna o adolescente mais humanizado, mais capacitado para organizar o caos interior, capaz de se enxergar como alguém apto para fazer a diferença para melhor apesar de todas as adversidades.

Segundo Bacha (2003, p.233) "*educação é alimentação*". Nós, que somos professores, podemos preparar, cortar, temperar e cozinhar esse alimento de inúmeras formas para nossos alunos. Ensinar tem uma relação simbólica com o alimentar: se o alimento fornece material para o desenvolvimento físico, a educação fornece matéria para o desenvolvimento psíquico.

É interessante que quando se pensa em educação, as artes (educação física e inglês também passam por isso) vêm sempre como algo não essencial. Isso, embora eu já tenha me acostumado, segue sem fazer sentido e está intimamente relacionado à nossa noção de "direitos". Quase ninguém ignora que todos os seres humanos possuem direito à alimentação e saúde. Mas e à arte? A música dos Titãs *Comida* deixa claro que direito à vida vai além de direitos fundamentais para a existência: "A gente não quer só comida: a gente quer comida, diversão e arte". A escola serve a comida, como professora de teatro eu sirvo a diversão e a arte. Em ambos os casos, estamos falando de alimento. E, aqui, reafirmo a importância do afeto nessa salada. Nessa fórmula, os próprios alunos reconhecem componentes que serão necessários em seus futuros, seja qual for o caminho que desejarem seguir. Em uma pesquisa sobre o futuro, as próprias crianças responderam a relação do teatro com seus sonhos:

“Eu ainda estou em dúvida [sobre a profissão que deseja seguir], mas a ideia que mais permanece na minha mente é ser roteirista. O teatro me ajuda muito, pois aqui eu posso fazer roteiros e aperfeiçoá-los e foi aqui que eu tive meu primeiro contato com um roteiro.” (Pedro)

“Marinha. Mais responsabilidade no que faço, mais postura, sem vergonha para mostrar as minhas ideias e aprender a amar o que faço.” (Milena)

“Neurocirurgiã. *Me ajuda* a perder a vergonha e quando entramos no palco temos que lidar com a adrenalina.” (Kamilly)

“Psicóloga. Perdendo a vergonha de perguntar muitas coisas.” (Lays)

A receita “honestidade e afeto” parece bem simples, no entanto, apenas lançar conteúdos seria mais fácil, porque ensinar com afeto implica em se colocar no lugar do outro; implica em dar bronca, mas também dar

colo; implica em apresentar caminhos sem exigir uma escolha imediata; significa mostrar o que é incorreto, desonesto, cruel e injusto no mundo, mas sempre respeitando os diferentes pontos de vistas e as possíveis opções; significa dizer que é necessário ser disciplinado e estudioso, que respeito nada tem a ver com submissão, que eles precisam sonhar e acreditar, mas focando no caminho e não apenas na chegada.

Afeto não cai na prova, mas transforma o processo educativo em algo mais prazeroso. Quando eu ensino com afeto, eu também recebo afeto. E é isso que me salva diariamente.

1.2. Pelos Caminhos da Mente

Alguns teóricos consideram o desenvolvimento do sujeito como sendo pré-definido no momento do nascimento, nascemos com as estruturas do conhecimento e elas se desenvolvem ao longo da vida. Outros acreditam que o homem é produto do meio, ou seja, o desenvolvimento do nosso conhecimento gira em torno das experiências que vivenciamos. Ainda, existem os teóricos que conjecturam o conhecimento como sendo resultado da nossa interação com o ambiente.

Enquanto professora, os dois últimos me chamam mais atenção. Sempre achei necessário compreender o ambiente em que o meu aluno vive, o contexto social em que ele está inserido, respeitando seus limites e suas particularidades (especialmente depois da minha primeira experiência com improvisação na escola), reconhecendo que a adolescência é uma idade de transição:

[...] o adolescente, ao tomar em consideração um problema, é capaz de prever todas as relações que poderiam ser válidas e logo procura determinar, por experimentação e análise, qual dessas relações possíveis tem validade real. Em

lugar de limitar-se a organizar o que lhe chega através dos sentidos, o adolescente tem a capacidade potencial de imaginar o que poderia estar ali, já que a sua capacidade de entendimento ultrapassa o imediato. (GOULART, 2013, p. 81).

Piaget, como explica Goulart, vê o adolescente como capaz de criar e imaginar, mas tudo necessita de um estímulo. É ainda nessa fase que se começa a planejar o futuro, sentir-se mais capazes para solucionar problemas e a olhar para além de si mesmo. A teoria de Piaget sem dúvidas revolucionou o entendimento sobre o desenvolvimento infantil e serve como base para a prática de diversos professores, inclusive eu. Mas embora seja muito importante, para essa dissertação eu gostaria de destacar outro nome relevante para o nosso desenvolvimento psíquico: Carl Gustav Jung.

Dentre os teóricos do universo da Psicologia, Psicanálise e Psiquiatria, Carl Gustav Jung foi um dos primeiros a pensar na evolução da mente como um processo completo da vida, que vai do nascimento à velhice, passando por transformações na puberdade e na meia idade.

1.2.1. Mas, afinal, quem foi Jung e qual a sua importância para esse trabalho?

Segundo Hall e Norby (1986, p.9), Carl Gustav Jung nasceu em Kesswil, na Suíça, em 26 de julho de 1875. Filho de Emilie Preiswerk Jung e Johann Paul Achilles Jung, que era um pastor protestante da Igreja Reformada Suíça. Recebeu este nome em homenagem ao seu avô, um professor de medicina da Universidade da Basileia.

Após a transferência do pai para uma paróquia em Laufen, a mãe de Jung adoeceu gravemente, ficando internada por alguns meses. O pequeno Jung, agora com seis meses, foi morar com uma tia. Quando a mãe melhorou, a família foi transferida, pela última vez, para uma aldeia à beira do Rio Wiese.

Sua irmã nasceu apenas quando ele tinha nove anos de idade, assim ele passava os dias brincando sozinho. Seus pais tinham inúmeros problemas conjugais e dormiam em quartos separados. Sua mãe sofria de depressão e seu pai lhe parecia sempre inacessível. A criança encontrava refúgio no sótão, onde passava horas com um companheiro imaginário que havia esculpido em um pedaço de madeira:

O manequim proporcionava a Jung intermináveis horas de cerimônias e rituais; juntamente com ele, ficavam escondidos no sótão pactos secretos e miniaturas de rolos de pergaminho. Jung mantinha longas conversas com o manequim e contava-lhe os mais recônditos segredos. (HALL; NORDBY, 1986, p. 11)

Aos onze anos foi transferido para uma grande escola. Lá encontrou colegas ricos como ele jamais imaginou e experimentou, pela primeira vez, por seu pai, um sentimento de compaixão. Até então, Jung não havia compreendido o quanto o pai fora pobre. Nada lhe interessava e ele começou a desenvolver crises de desmaio, que lhe afastaram da escola por seis meses e só foram resolvidas após o menino ouvir de seu pai, em uma conversa com um amigo, que estava preocupado em como ele ganharia a vida com essas crises. Jung caiu em si e os desmaios nunca mais voltaram. Prontamente retornou à escola e estudou como nunca para todas as disciplinas.

Quando estava perto de escolher a faculdade que iria fazer, Jung ainda se encontrava muito confuso, visto que se interessava por quatro áreas distintas: História, Filosofia, Ciência e Arqueologia. Escolheu a Ciência e, em seguida, a Medicina.

Um ano após seu ingresso na universidade, seu pai faleceu e ele só conseguiu continuar os estudos porque um dos tios assumiu o sustento da família, mãe e irmã, e outros lhe deram dinheiro para terminar sua formação.

De acordo com Hall e Norby (1986), Jung, aos 24 anos, teria que decidir a qual ramo da medicina iria se dedicar. Após alguns acontecimentos misteriosos que lhe ocorreram durante as férias de verão e depois de ler um manual de psiquiatria de Krafft-Ebing, tomou sua decisão: seria psiquiatra. Manteve-se firme e convicto mesmo depois de seus professores expressarem perplexidade com seu parecer, já que a psiquiatria era um campo considerado absurdo.

Em seu trabalho como psiquiatra, foi assistente do Hospital Burgholzli de Doenças Mentais, conferencista da psiquiatria, professor da Fordham University nos Estados Unidos e Presidente da Associação Psicanalítica Internacional. Era um grande admirador de Freud, com quem estabeleceu amizade em 1907. Tempos depois, os dois romperam a relação, por algumas divergências profissionais, a essa altura já possuía condições financeiras e viajou o mundo, conhecendo outros povos e novas culturas.

Médico, psiquiatra, psicanalista, professor, sábio, escritor, crítico social, homem do lar e cidadão – Jung foi tudo isso. Em primeiro lugar e acima de tudo, entretanto, foi um incansável estudioso da psique. Isto é, foi um psicólogo. E como psicólogo é que ele gostaria de ser lembrado e o será. (HALL; NORDBY, 1986, p. 23)

Stein (2006, p.154-155) escreve que “Jung viu o desenvolvimento como contínuo e as oportunidades para promover um ainda maior desenvolvimento psicológico como uma opção ao alcance de pessoas de qualquer idade”. Esse é um ponto importante da teoria de Jung, embora a evolução seja diferente em cada fase da vida. A infância, por exemplo, ele narra o nosso desenvolvimento como contínuo e eterno, tentando visualizar cada ser em sua totalidade, observando o amadurecimento, comportamento, mudanças e transformações como um todo, sem se apegar a distinções de fases, entendendo que o ser humano é um todo e não a junção de partes. E isso eu sempre busco mostrar para meus alunos, não através da teoria, não estou na escola para ensinar psicologia analítica, mas através da prática e do exemplo, para que eles não se esqueçam de que, embora o desenvolvimento seja inato a qualquer ser humano, ele precisa ser estimulado e cultivado; que as relações são construtivas e que você conhece melhor a si mesmo quando se coloca no mundo e quando compartilha a sua voz, como disse o próprio Jung:

Quando ele está sozinho, consigo mesmo, não sabe o que de fato a coisa representa para ele ou o quanto o atinge. Quando, porém, percebe que um outro está a par, é acometido pelo afeto em questão. Enquanto estamos sozinhos conosco mesmos, podemos saber Deus que camelos engolir, e isso não nos afeta de modo mais significativo. Enquanto supomos que ninguém sabe a respeito de algo, somos pouco capazes de avaliar o que o assunto realmente representa para nós. Por isso sempre aconselho as pessoas a falarem sobre suas questões. Pois assim percebem que valor de fato as coisas têm para elas. (JUNG, 2014, p. 11-12)

Que meus alunos reconheçam seu próprio potencial, vejam-se como seres valiosos, inteligentes e capazes, mas que também tenham consciência de grupo, do poder das relações de confiança e afeto. É também para isso que estudamos, apreciamos e praticamos Arte.

A Arte está intimamente ligada à nossa formação e desenvolvimento como seres humanos, desde a pré-história, quando nossos ancestrais, os chamados homens primitivos, marcavam as cavernas com sua trajetória. Eles ainda aprenderam a comunicar-se através de gestos e descobriram que seria possível despertar sensações de dor ou alegria em seu interlocutor, tornando possível vivenciar o mundo através da linguagem que criaram. A arte então nasceu do prazer em compartilhar e das emoções que surgiam através da linguagem. Mais que utilitária, a linguagem expressiva passou a ser prazerosa:

Podemos fazer um gesto de dor ou de alegria apenas para relatar um fato que tenhamos vivido e que já seja passado. E mais, podemos ser tão convincentes a ponto de fazer nosso interlocutor rir ou chorar diante de nossa interpretação. Desse modo, somos capazes de vivenciar situações pelo poder de sugestão da linguagem humana e do uso que dela fazemos. O prazer desse compartilhamento acabou por ser mais importante do que a utilidade expressiva do gesto. Passamos a sentir prazer nas emoções propostas pelos outros por meio da linguagem. Assim, inventamos a arte. (COSTA, 2004, p. 09).

Ainda, a história de evolução e aperfeiçoamento humanos passam pelos contos, que possuem narrativas recheadas de fenômenos universais e tem como fonte o inconsciente coletivo. Jung achava mais do que curioso o fato de que diversas sociedades, em diferentes momentos da história, separadas por quilômetros de distância, possuam tantas semelhanças culturais. Assim, ele criou o conceito de que existe algo que vai além de nossas experiências individuais, chamando de inconsciente coletivo. Parte da psique não depende propriamente da nossa experiência individual, ela herda características e experiências de nossos antepassados, interligando-nos à cadeia da evolução humana. O inconsciente coletivo está ligado ao desenvolvimento mais primitivo da mente, não funciona como memórias bem elaboradas, mas como predisposições na maneira como responder aos acontecimentos no mundo.

Os contos são capazes de ativar o imaginário, estimular a criatividade, auxiliar no desenvolvimento da comunicação oral, proporcionar reflexões e *insights*, além de favorecerem o autoconhecimento e ampliarem a percepção através do contato com questões arquetípicas e transculturais. Segundo Philippini (2009), criar personagens, independentes de sua materialidade – máscaras, fantochões, desenhos etc. – é apenas uma extensão de tudo que qualquer indivíduo já pratica todos os dias, todos são contadores e ouvintes de histórias recheadas com diversos personagens, fantasiosos ou do cotidiano. Criando personagens, o sujeito ativa o imaginário, a expressividade e a comunicação simbólica, além de possibilitar que conteúdos inconscientes sejam elaborados e estruturados e de ser uma estratégia capaz de integrar diversas linguagens expressivas. Além disso, o jogo teatral, ferramenta que proporciona uma nova maneira de experimentar a realidade, ativa a criatividade, a imaginação e, sobretudo, o desejo de mudança, o desejo de ser o agente transformador de alguma situação.

Imagem 5 – PERSONAGENS

Sobre a fonte, denominada anteriormente de inconsciente coletivo, é importante saber que ela se diferencia do inconsciente pessoal porque sua existência é independente de suas experiências individuais, funcionando como uma espécie de reserva de imagens. Mas não estamos falando aqui de nenhum tipo de comunicação espiritual com os antepassados. Não! São apenas inclinações e potencialidades para experienciar e replicar ao mundo tal como os antepassados. Exemplifico: para algumas pessoas, não é necessário passar por experiências traumáticas para se temer trovões ou o escuro. O medo de trovões e da escuridão pode ser inerente a qualquer tipo de vivência, ou seja, reagimos de certa maneira a determinadas situações também porque o nosso inconsciente coletivo está predisposto a elas.

Segundo Grinberg (2003, p.28-35) o indivíduo é dotado de memórias pessoais e de conteúdos globais, herdados da imaginação humana. No primeiro caso, existe uma

construção de memórias através das experiências individuais, enquanto que o segundo já nasce com o indivíduo, surgem nos mitos, sonhos, contos de fadas e folclore de todo o mundo. É um universo invisível e forma uma grande raiz que liga todos, de todos os tempos. As estruturas que constituem essa raiz são chamadas de arquétipos.

1.2.2. Arquétipos: Persona, Sombra, Anima, Animus, Eu

Os arquétipos são, em sua totalidade, os conteúdos do inconsciente coletivo. Eles podem intervir de forma positiva, inspirando e iluminando, ou de forma negativa, criando ideias possessivas, fanáticas e rígidas.

Arquétipos são conceitos vazios, não preenchidos. São formas universais coletivas, básicas e típicas da vivência de determinadas experiências recorrentes, que expressam a capacidade criativa única e autônoma da psique. São conteúdos coletivos todos os instintos e formas básicas de pensamento e sentimento, tudo aquilo que consideramos como universal e que pertence ao senso comum. (GRINBERG, 2003, p.136).

Os arquétipos também são encontrados em mitos, sonhos, contos e peças teatrais, funcionam em nossa psique como uma disposição instintiva, podendo ser despertado em qualquer lugar do mundo e a qualquer momento, sem uma origem conhecida, mas com bases compartilhadas por toda a humanidade. Mas a realidade é que existem incontáveis arquétipos, como o da mãe, do poder, do herói, da criança, do gigante, do sol etc. Os arquétipos são utilizados de forma instintiva para compreender melhor qualquer situação.

Um arquétipo pode ser ativado no indivíduo quando este se vê em uma situação ou próximo de uma pessoa que apresente similaridade com ele. Por exemplo, a mãe ou a pessoa que estiver cuidando de uma criança pequena ou amamentando-a tem uma conduta própria do arquétipo da Grande Mãe. Este é a configuração da maternidade, ou seja, representa a maneira típica como as experiências da maternidade foram acumuladas na psique humana desde tempos imemoriais. [...] essa representação universal reveste-se de peculiaridades próprias da cultura, tempo lugar em que o arquétipo de manifesta. (GRINBERG, 2003, p. 139).

Para esse trabalho especificamente, vou considerar cinco arquétipos que possuem importante valor no desenvolvimento da personalidade de qualquer sujeito, pois são arquétipos que no decorrer do desenvolvimento humano mais afetam/afetaram o indivíduo: a Persona, a Sombra, a Anima e o Animus, e por fim, o Eu. Além disso,

irei trabalhar com o importante processo inerente a qualquer ser humano: o da individuação.

Persona

Segundo Hall; Nordby (1986, p.36) na história do teatro grego, a Persona era a máscara assumida pelo ator durante o espetáculo teatral. A máscara tinha a função de fazer a sua voz ressoar, além de modificar a aparência. As palavras *personagem* e *personalidade* também são derivadas da mesma raiz.

No contexto sócio-psicológico, a Persona representa as máscaras que usamos socialmente. Ela é a forma como gostaríamos de ser vistos. Durante toda a nossa vida, mas em especial na adolescência, a Persona passa por mudanças bruscas, que podem definir quem realmente seremos. Por exemplo, existe uma infinidade de objetos que nos tornam iguais ou diferentes de determinado grupo social, assim como escolhemos as nossas roupas de acordo com a situação que iremos vivenciar. Essas escolhas sobre nossa aparência e sobre nosso comportamento fazem parte da imensidão de coisas que nos tornam únicos e são essas elas que formam a nossa Persona. Ela é essencial para a nossa sobrevivência, é a Persona que nos torna capazes de conviver em sociedade, inclusive com as pessoas que nos desagradam, é a base da vida social e comunitária.

Desde muito cedo aprendemos a nos moldar às expectativas dos pais, dos professores e da sociedade. Por uma série de razões adaptativas, por necessidade de segurança e de afeto, vamos selecionando qualidades e traços que consideramos desejáveis e mais adequados. Nossa capacidade de aprendizado por meio da imitação da sugestão são de grande utilidade para tais propósitos. (GRINBERG, 2003, p. 143).

É nesse sentido também que o meu exemplo é parte fundamental da minha prática. Se, enquanto professora, eu estou munida de afeto, respeito, humanidade e humildade, talvez eles também queiram desenvolver alguns desses traços.

Para Hall; Nordby (1986, p.37) assim como todos os arquétipos, inclusive os que não serão citados nesse trabalho, a Persona é proveitosa para o indivíduo ou não teria passado a fazer parte da natureza humana após anos de evolução. Ela é o “cartão de visita” do sujeito, e mais: é como ele deseja ser visto pela sociedade. No entanto, se ela ultrapassa a verdadeira natureza, o si mesmo, ela se torna prejudicial. Quando isso acontece, alguns caminhos podem ser seguidos: o indivíduo, em total estado de alerta e tensão para cumprir às expectativas da Persona a todo o momento, pode projetar nos

outros o que espera de si e se opor aos demais. Ou, ainda, pode se vitimar por perceber que não consegue cumprir com os padrões da Persona.

Para Grinberg (2003, p.144), a Persona pode encobrir nossa verdadeira natureza e esconder as características que não costumam ser aceitas e que tendemos a rejeitar. Isso se torna um problema quando a máscara estiver compensando nossas deficiências pessoais e funcionando de modo a criar uma falsa imagem de nós mesmos.

A Persona ideal pode ser vista como uma balança com dois pesos iguais de cada lado, ela é o meio termo, podendo ser capaz de pender mais para um lado ou para o outro, dependendo do grau de adaptação do indivíduo. Mas o que define para qual lado a Persona deve pesar mais não pode estar apenas do lado de fora. As características internas, que igualmente desenvolvem a personalidade, também devem ser respeitadas e ouvidas. Por trás da máscara da Persona existe outro lado, também formador da personalidade: a Sombra.

Sombra

A Sombra é um dos arquétipos mais poderosos que existe e, segundo Hall; Nordby (1986, p.40), isso se dá “Em virtude de suas raízes muito aprofundadas na história evolutiva [...]”. Ela mantém uma relação compensatória, como uma balança, com a Persona. Uma vez que a Persona é o que somos para o mundo, a Sombra corresponde a todos os nossos conteúdos secretos, em sua maioria escondidos até de nós mesmos.

Imagem 6 – SOMBRA



Em geral tendemos a esconder e afastar de nossa consciência e dos outros tudo o que é demoníaco em nós mesmos: sentimentos de poder, ideias cruéis e assassinas, impulsos asquerosos e ações moralmente condenáveis. Ou, então, escondemos aquilo que a cultura considera feio e desadaptado, nossas fraquezas e os sentimentos que podem trazer frustração: inveja, cobiça, ambição, ciúme, desamparo, impotência, derrota, solidão, sofrimento. Escondemos também a dor de conviver com esses sentimentos.

Para Grinberg (2003, p. 148), a Sombra não se revela apenas nas supressões, ela pode aparecer nos momentos em que o indivíduo perde o controle e age por impulso, muitas vezes se arrependendo depois. Exatamente por ser o que o indivíduo não deseja ou aprova, o Ego, este que, em síntese, seria responsável por organizar a consciência, criando mecanismos para evitar o confronto com a Sombra, sendo os principais: projeção, quando enxergamos o erro no outro; negação, em que negamos a existência de um erro; e repressão, que envia da consciência para o inconsciente o que não lhe convém.

Quando um aluno destrói a escola e todo o material que está disponível na sala para que ele mesmo possa usar, ele não está se relacionando com sua sombra e se reconhecendo falho. Ele está projetando-a em outro ambiente, para além de seu domínio. Muitos não entendem por que estão na escola ou o que aquele lugar pode representar para a vida deles. Não se reconhecem como parte vital daquela estrutura, muito menos como seres interessantes e capazes de fazer a diferença para a comunidade ou para o núcleo familiar que em vivem. À primeira vista, parecem vândalos com um objetivo simples: destruir a escola e desrespeitar qualquer um. Mas, olhando a fundo, e eu comecei a ter esse olhar mais atento nas aulas de teatro, eles querem atenção. A maioria possui a autoestima baixíssima e não se acham capazes de realizar alguma coisa boa. A criatividade, tão presente na infância e ainda na adolescência, está completamente coberta por uma camada de violência, desenvolvimento precoce da sexualidade e completa falta de propósito.

No entanto, as táticas de defesa contra a Sombra acabam, em algum momento, malogrando. A quebra dessa barreira pode causar uma série de consequências psicológicas, tais como depressão, culpa, ansiedade, insônia etc. para o indivíduo, além de físicas. Admitir sua existência e sua importância é liberar o acesso para a completude, apesar de não ser uma empreitada simples:

[...] despir-se da roupagem e da máscara protetora da Persona para olhar cruamente no espelho o homem primitivo que há dentro de nós implica um ato de coragem. Por essa razão, confrontar a Sombra e torná-la consciente requer um considerável esforço moral. (GRINBERG, 2003, p. 149).

Fazer teatro é confrontar-se e, mais do que isso, conhecer-se em sua própria Sombra; torná-la sua aliada na construção e amadurecimento de sua própria personalidade; descobrir-se falho, porém completo; aceitar-se. É então que a Sombra pode se tornar uma boa companheira, fazendo-nos aceitar nossas limitações e aprender com nossos próprios erros.

A autoestima e autoaceitação são dos maiores problemas enfrentados por adolescentes. Apesar de duros, são caminhos recompensadores, de uma consciência mais completa, tranquila e segura, cada vez mais perto de uma personalidade acabada. Especialmente porque, do ângulo psíquico, não há como jogar nada fora.

Anima e Animus

A biologia nos ensina que, no corpo de uma mulher, existe certa quantidade de hormônios masculinos (testosterona), assim como, no corpo de um homem, encontram-se quantidades consideráveis de hormônios femininos (estrogênio). Esse caso não se resume apenas a questões físicas da existência humana, a personalidade de homens e mulheres também é composta pelo seu oposto.

Pausa.

Antes de continuar, vale ressaltar que não estou falando sobre questões de gênero ou orientação sexual e sim de questões arquetípicas. Dito isso, é importante e necessário adaptar esses conceitos para a atualidade, visto que hoje temos um cenário muito distinto daquele que Jung tinha um século atrás, apesar de ainda vivermos em uma sociedade desigual. Um exemplo disso e muito presente nesse trabalho são as mães e avós de meus alunos que criam as crianças sozinhas, desenvolvendo características que poderiam ser trabalhadas de outras maneiras, não com essa sobrecarga.

O próprio Jung reconhecia que seu trabalho era pioneiro e, portanto, passível de mudanças e releituras (JUNG, 1981, p.27). Se pensarmos dessa forma, podemos apreciar a riqueza dessas duas polaridades opostas não apenas analisando do ponto de vista homem e mulher. Isso não significa, ainda, que o fato de que vivemos em uma sociedade extremamente machista, sexista e homofóbica será ignorado, pelo contrário:

estou falando sobre educação, sobre transformação, sobre evolução, sobre romper barreiras e se fazer escutar. Mas, nesse tópico, vamos estar atentos a duas polaridades que historicamente se destacaram (ou foram induzidas à evidência) nos seres humanos.

Segundo Grinberg (2003, p.151), no homem, encontramos a Anima, face feminina que integra a psique masculina, formada através das experiências do relacionamento entre os sexos durante toda a evolução da espécie, enquanto que, na mulher, encontramos o Animus, lado masculino que compõe a psique feminina e que corresponde a um modelo de homem.

Segundo Hall; Nordby (1986, p.38), o homem desenvolveu o seu arquétipo de Anima pelo relacionamento continuado com mulheres durante muitas gerações; e a mulher desenvolveu o seu arquétipo de Animus pelo relacionamento com os homens. Vivendo e interagindo um com o outro durante gerações, cada sexo adquiriu características do sexo oposto que facilitam as respostas adequadas e a compreensão do outro sexo. Sendo assim, os arquétipos de Anima e Animus têm grande importância no desenvolvimento humano.

Mas, assim como cada parte que constitui a psique, os arquétipos da Anima e do Animus precisam se encontrar em sintonia com todas as partes do indivíduo que os projetam. Grinberg (2003, p.151-152) escreve que, no homem, quando manifestada de forma positiva, a Anima pode resgatar aspectos relacionados à sensibilidade, sensualidade e paciência; se manifestado de forma negativa, pode destacar características relacionadas às mutações de humor e estouros emocionais. Por outro lado, na mulher, o Animus pode tanto estimular a autoconfiança e a criatividade, como avivar questões relacionadas à indiferença, aspereza e autoritarismo.

Esse arquétipo tem total ligação com a forma como nos relacionamos com o sexo oposto, em todos os graus de afinidade, e com a nossa própria intimidade, visto que, desde muito cedo, as personalidades são moldadas de forma a seguir o caminho da “menininha” ou do “macho alfa”. Desde cedo, os meninos são ensinados a não chorar e a serem fortes e não sensíveis, por exemplo. Já as meninas são ensinadas a serem mais caseiras, ocupando tarefas consideradas apenas para o sexo feminino e treinadas para aceitarem a submissão.

Vale ainda ressaltar que, embora a nossa sociedade tenha se constituído em um universo patriarcal, em que a figura feminina era considerada mais frágil e não competente para diversas atividades (por isso também o surgimento dos arquétipos da

Animas e Animus), que essa história está mudando. Ainda existe um longo caminho, mas esse modelo de vulnerabilidade feminina vem se transformando com o passar dos anos, especialmente após a criação de leis com o intuito de proteger as mulheres, como a lei 11.340/06 (Lei Maria da Penha), e a garantia de direitos, como a lei 9.504/97 (Cota Eleitoral de Gênero).

Durante as aulas de teatro, não é raro ideias que contrariam o pensamento convencional surgirem, especialmente se utilizamos a arte como ferramenta de renovação, contemplação e crítica da sociedade. À luz dessa reflexão e pensando na complexidade desse tema, exemplos serão dados no decorrer do trabalho, mas focando nas transformações que os alunos apresentaram, em suas opiniões, críticas, queixas, vivências e ensinamentos, base e objetivo desse diário.

O Eu

O Eu é o principal arquétipo do inconsciente coletivo. Ele é arquétipo base da nossa personalidade; constitui ordem, organização e unificação; atrai e harmoniza os outros arquétipos, conferindo um senso de unidade para a personalidade. Esse arquétipo só se torna evidente quando atingimos a maturidade, mas nada impede que seja estimulado e trabalhado, como qualquer parte do nosso corpo.

A seguir, será possível compreender essas estruturas no contexto da educação teatral, analisando o funcionamento das aulas de artes cênicas em consonância com as necessidades inerentes ao ser humano de criar histórias e personagens, de se desenvolver e se relacionar.

1.3. Individuação

A individuação é um dos principais conceitos da teoria de Jung e faz referência a um processo inato, buscado por todos os seres humanos, de forma consciente ou não:

A individuação é um processo autônomo e inato, o que significa que não precisa de estimulação externa para começar a existir. A personalidade de um indivíduo está destinada a individualizar-se tão fatalmente quanto o corpo está destinado a crescer. Mas, assim como o corpo precisa de uma alimentação adequada e de exercício para crescer de uma maneira saudável, também a personalidade necessita de experiências adequadas e de educação para a sua individuação sadia. (HALL; NORDBY, 1986, p. 71).

Isso quer dizer que, assim como o corpo precisa de nutrientes, a mente se desenvolve e se fortifica em um processo de individuação, com a educação e as experiências individuais.

Mas é preciso reconhecer que, para se chegar neste estado de individuação ou avançar nessa busca, o indivíduo precisa assentir e aceitar as partes que compõem a sua psique, tais como os já citados arquétipos.

Em suma, todas as faces da personalidade precisam ganhar oportunidades iguais para se desenvolverem, “porque se ficar descurada uma parte da personalidade, essa parte descurada encontrará meios anormais de se expressar” (Hall; Nodby, 1986, p.72).

1.4. Pelos Caminhos da Arte

Segundo Berthold (2011, p.103), o teatro, tal qual é conhecido, surgiu na Grécia, quando os gregos realizavam festivais em homenagem a Dionísio, “deus do vinho, da vegetação e do crescimento, da procriação e da vida exuberante”.

Para Pavis (2007, p. 107), tempos depois, os rituais sagrados evoluíram e transformaram-se em tragédia e comédia. Ambos vindos dos rituais, mas de momentos distintos: enquanto a tragédia surgiu dos ditirambos, “canto lírico para glorificar Dionísio, interpretado pelo corifeu”, e acompanhavam um herói sublime, imitando a vida sob um aspecto de maior sofrimento, a comédia apresenta personagens modestos, simples, e está sempre procurando o riso do espectador.

O teatro, mesmo quando ainda não era chamado assim, tinha a função de transformar o mito em rito, convertendo-o em objeto visual e despertando novos olhares e desejos para o que, muitas vezes, já era conhecido:

O teatro, quando ainda fazia parte da religião, já era teatro: liberava a energia espiritual da congregação ou tribo, incorporando o mito e profanando-o, ou melhor, superando-o. O espectador tinha então uma nova conscientização de sua verdade pessoal na verdade do mito e, através do terror e da sensação do sagrado, atingia a catarse. (GROTOWSKI, 1992, p. 20).

Segundo Teixeira (2005, p.70-71), na poética de Aristóteles, a catarse possui a função de libertar-nos de sentimentos dolorosos, através do efeito moral e purificador que a tragédia clássica, na Grécia Antiga, inspirava. No sentido médico, a catarse também pode significar purgação.

Desde sua origem, nos rituais sagrados, até os dias de hoje, a arte dramática não deixou de envolver-se em temas políticos, psicológicos e sociais, sendo reveladora não apenas para quem faz, mas também para quem assiste. Dentro de comunidades ou da própria escola pública não seria diferente, porque a escola é um local de crises, de descobertas, de autoconhecimento e de conflitos constantes.

No contexto de uma zona de conflito e violência constante, o teatro, as artes e outros tipos de expressões culturais são vitais no apoio ao desenvolvimento psicológico e social de crianças e jovens cujas experiências e percepções do mundo são cada vez mais formatadas pela frustração, pelo trauma acumulado e por sentimentos de impotência e desesperança. É um fato conhecido entre vários investigadores sociais, assim como terapeutas que o acesso à cultura tem um impacto positivo na saúde mental e física de seres humanos. A participação em atividades culturais fortalece as potencialidades humanas, tais como a criatividade, o conhecimento e um sentido de identidade e dignidade. (MIRANDA, 2015, p. 186).

A questão é: os personagens já foram dados, estão em jogo. O que diferencia as pessoas é a maneira com que lidam e constroem histórias com esses personagens, que nada mais são do que formas arquetípicas, como as já citadas Persona, Sombra, Animas e Animus. Para Larsen (1991, p.32), mais do que uma obrigação, tomar para si a responsabilidade de criar personagens e inseri-los em uma história é um direito de “tentar criar seu próprio sentido da vida, em lugar de participar de um sistema de criação de sentidos historicamente contínuo, tradicional”.

Todas as pessoas são criadoras de mitos e esta não é, nem de longe, uma afirmação vaga, é o que dá sentido à vida e constrói biografias anônimas e famosas. E biografias são histórias. É essa afirmação que desencadeia romances, fantasias, dramas, suspenses e ações da vida cotidiana.

O ensino de arte na escola, entrega ao aluno a possibilidade de aprender a ler o mundo por outro ângulo, compreendendo que, em nosso cotidiano, estamos cercados de símbolos, cores, sons e texturas. Nesse contexto, a nossa leitura precisa ir além das palavras. No caminho para o amadurecimento e completude, é preciso saber quem somos, quem são os personagens que nos habitam. Isso significa que viver já é um grande espetáculo teatral, é entrar em temporada por tempo indeterminado, com um público que por vezes se repete. É assumir a responsabilidade de ser a estrela da própria vida e aceitar os múltiplos personagens que existem em cada ser humano, como bem disse Augusto Boal:

Podemos chamar igualmente de teatro aos grandes acontecimentos sociais: a inauguração de um monumento, o batismo de um navio de guerra, a sagração de um rei, uma parada militar, uma missa (especialmente a do papa no Aterro do Flamengo, com direito a show musical), um baile (especialmente o da Ilha Fiscal). Essas manifestações podem ser igualmente designadas pela palavra 'rito'. Pode-se dar o nome de 'teatro' às ações repetitivas da vida cotidiana: nós encenamos a peça do café da manhã, a cena de ir para o trabalho, o ato de trabalhar, o epílogo do jantar, o almoço épico com toda a família no domingo etc. (BOAL, 2009, p. 13).

No entanto, no contexto da educação, especialmente a educação pública, é necessário que o "personagem professor" tenha consciência do seu papel e da sua postura. Cada cidade, cada bairro, cada comunidade e cada escola possuem uma configuração própria, isto é, ao entrar na posição de professor nesses lugares, é necessário estar atento. Eu ensino porque eu aprendo. Ninguém melhor do que os alunos para me fazer entender quais são as questões latentes naquele local. Quais são os limites, quando e se eles devem ser rompidos. Quem eles são, como eles se comportam, como eles me tratam e tratam a si mesmos são respostas complexas de uma soma ainda mais complicada, que envolve estrutura familiar e o lugar em que estão inseridos, por exemplo. Portanto, se eu não venho daquele lugar, eu não conheço essa equação.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ator de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida. (FREIRE, 1987, p. 17).

As questões colocadas por Paulo Freire no parágrafo anterior tomam um sentido ainda maior quando damos voz a eles ou quando os ensinamos que é necessário lutar para que essa voz possa alcançar novos lugares. Amplificar a voz de quem precisa ser ouvido também é estratégia de combate.

Certa vez, conversando com uma turma de oitavo ano após realizar uma aula prática – que consistia basicamente em criar uma cena improvisada com questões que eles consideraram problemáticas em nosso país e, em seguida, reconstruir a mesma cena solucionando/modificando o que eles consideravam ruim e/ou errado –, uma aluna, no auge de seus 13 anos de idade, veio me falar feliz, como quem conta uma novidade, que

tinha percebido que, se ela e os colegas conseguiram juntos modificar a cena, eles também poderiam modificar a realidade. E não é o que estamos tentando?

Imagem 7 - ENSAIANDO A MUDANÇA



Eu não quero, em nenhum momento, colocar o ensino de Teatro como única ferramenta fundamental para o desenvolvimento das crianças e adolescentes. Eu estou defendendo um novo olhar para a educação artística, com mais equidade entre todas as disciplinas. O que eu estou tentando apresentar por meio de teoria e prática é a importância do teatro na educação básica, sua relevância enquanto disciplina independente.

Normalmente o sucesso de nossos jovens está associado à capacidade de raciocínio lógico, de solucionar questões de matemática ou, ainda, de alcançar boas notas em português. A maioria se esquece do poder da criatividade, do controle das emoções, do desenvolvimento da memória, da interação social e da disciplina. O teatro na escola desperta um sentimento de aceitação: própria e do outro. A educação artística de qualidade não deve ser um direito apenas das camadas privilegiadas da sociedade.

É claro que eu não estou na escola para formar atores, essa é uma das primeiras coisas que deixo claro no início do ano. Todos nós podemos pintar, desenhar, esculpir, escrever, dançar, fotografar e, por que não, atuar. Na escola, embora eu também ensine técnicas e apresente trabalhos de excelente qualidade, o julgamento estético não é a

coisa mais valiosa. É muito mais relevante ver que o meu aluno teve coragem de subir em um palco, de falar em público, de expor suas ideias, de ser criativo. É muito mais poderoso ver que o meu aluno usou a arte para vencer as próprias barreiras.

CAPÍTULO 2: A TEORIA QUE SE TRANSFORMA EM PRÁTICA

2.1. Um Lugar Chamado Campo Grande

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população estimada do Rio de Janeiro, em 2017, era de 6.520.266 pessoas. O último censo detalhado que tive acesso ainda afirmava que apenas onze, dos cento e sessenta bairros do Rio de Janeiro, concentravam uma população de um milhão e quinhentos mil habitantes. São eles: Santa Cruz, Bangu, Tijuca, Realengo, Jacarepaguá, Copacabana, Barra da Tijuca, Maré, Guaratiba, Taquara e Campo Grande, ou seja, cinco bairros localizados na Zona Oeste. Dessa lista, Campo Grande vem em primeiro lugar, com mais de trezentas e trinta mil pessoas distribuídas por 104,9 km².

O bairro possui dois grandes shoppings, farto comércio, restaurantes, casas de shows e festas, um teatro (Arthur Azevedo) e uma Lona Cultural (Elza Osborne). A 9ª Coordenadoria Regional de Ensino possui cerca de cem escolas, incluindo a que eu leciono, localizada no sub-bairro Conjunto Campinho. Essa região de Campo Grande é composta basicamente por casas e comércios relacionados à alimentação (restaurantes, supermercados etc.). Recentemente, abrigou diversas obras do programa Minha Casa, Minha Vida, o que atraiu centenas de famílias de todos os lugares do Rio de Janeiro.

A maior parte dos meus alunos – em constatação realizada em conversas informais com eles – nunca saiu de Campo Grande. E mais: nunca saiu do Conjunto Campinho. Muitos não conhecem o grande comércio, o shopping, o cinema e muito menos o teatro (que sofre com problemas estruturais e falta de apoio). Eis o desafio então: apresentar as possibilidades e garantir a consciência de poder escolher, criar, recusar, aceitar e/ou transformar a cidade, a realidade.

A escola foi fundada no final de 2016 e hoje abriga cerca de 600 alunos, divididos em cinco turmas de 7º ano, seis turmas de 8º ano, três turmas de 9º ano e duas turmas de Aceleração (para alunos repetentes fora da faixa etária adequada para as séries). O quadro de professores comporta 22 profissionais.

Na escola, tenho minha própria sala de Artes Cênicas (realidade que nem todos os professores da rede vivenciam), organizada de modo diferenciado, fazendo com que exista espaço para as aulas práticas e mesas para aulas teóricas e outros trabalhos plásticos. De especial, a sala possui arara com figurinos, caixas com acessórios (chapéus, máscaras, lenços *etc.*), data show e caixa de som.

Imagens 7, 8 e 9 – A SALA DE ARTES CÊNICAS



Mas ainda podemos adicionar alguns outros dados relevantes: em 2018, eu possuía 12 turmas comuns (ensino fundamental, de 7º a 9º ano), retirados os projetos e aulas extras, cada uma com cerca de 40 alunos. Em 2019, eu possuía 13 turmas comuns (ensino fundamental, de 6º a 9º ano) e uma turma de eletiva.

A educação teatral ocupa um lugar de diálogo entre duas maneiras distintas de se pensar o conhecimento: artisticamente e cientificamente. Por isso, além de teórico, esse estudo também foi prático e investigativo, para reconhecer o possível lugar que a arte, em especial o teatro, poderia ocupar na vida dos adolescentes na escola pública.

As experiências que serão narradas nesse capítulo ocorreram durante as aulas de teatro em 2018 e 2019, em uma disciplina chamada de "eletiva" nas escolas de turno único. Todos os alunos da escola escolhem uma disciplina ofertada por um professor, sendo as opções muito variadas como, por exemplo, xadrez, dança e pintura, e mudando a cada semestre. A eletiva de Teatro, após um acordo com a direção, permanece a mesma durante todo o ano, salvo os alunos que desejam modificar. Esse é um ponto importante: meus alunos dessa turma são livres para trocarem de turma sempre que desejarem. Nós também temos um acordo relacionado ao desempenho e comportamento deles em todas as disciplinas.

Além das aulas, tanto em 2018 quanto em 2019, o objetivo da minha eletiva era montar uma peça com as crianças, de modo que continuei com a mesma turma por todo o ano. Nos dois anos, o grupo era formado por 22 crianças, entre 12 e 14 anos de idade. É nesse ambiente que as experiências narradas neste capítulo se passam.

2.2. A Turma do Teatro

O ator é aquele que age; é aquele que tem uma participação ativa; é um sujeito atuante. Apesar disso, vale sempre lembrar que eu não estou na escola para formar atores, eu estou lá para contribuir e encher de significado o desenvolvimento dos meus alunos, ajudando na formação de seres humanos conscientes do seu corpo e do espaço – que ocupam e que podem vir a ocupar.

A prática teatral ainda ressignifica o ambiente escolar, apresentando um novo tipo de experiência de aprendizagem, criando um outro tipo de conexão entre aluno, escola e professor. Em um mundo cada vez mais preocupado com a concorrência – com

notas, rendimento e tempo –, a experiência com o teatro proporciona um respiro em meio ao caos:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, p. 23 e 24).

Em 2018, desenvolvi, ao lado da minha turma de eletiva, um espetáculo baseado em “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll. Foi um trabalho extremamente especial, e o motivo foi muito simples: era um trabalho deles. Do mesmo modo, em 2019, desenvolvemos uma peça chamada “A Reviravolta das Histórias”, em que diversos personagens de diversos universos embarcavam juntos em uma aventura sobre a importância do respeito e da leitura.

Imagem 10 – ALICES



Imagem 11– A REVIRAVOLTA DAS HISTÓRIAS



Eu sempre digo para eles que eu apenas ajudei a organizar todas as ideias geniais que tiveram juntos. Eles comandam a situação, eles derramam criatividade, e eu embarco junto. Todos eles são diferentes partes de um quebra-cabeça repleto de vida, verdade e amor. Vê-los seguros e humildes, talentosos e generosos, é sempre mágico e enche meu peito de orgulho.

É necessário reconhecer e fazê-los reconhecerem a si próprios como agentes transformadores da realidade, capazes de se enxergarem talentosos, disciplinados, mas sem nunca perder a coragem, a humildade e a criatividade; para que não sejam passivos e coadjuvantes da própria existência, para que compreendam que decidir não escolher é uma escolha.

Somente conseguiremos plena dignidade e domínio sobre nossas vidas quando criarmos nossas narrativas pessoais, dramatizarmos nossa existência e forjarmos um mito pessoal coeso que combine elementos de nossos mitos familiares e culturais com aquelas histórias que provêm exclusivamente de nossa experiência [...] Aquele que é autor de sua própria história confere autoridade à suas ações. (KEEN; VALLEY-FOX, 1991, p. 16-17).

A parte mais interessante e que me faz levantar da cama de segunda-feira à sexta-feira é acompanhar o desenvolvimento de cada um deles e de todos eles enquanto grupo durante o processo. Tudo é apresentado como sugestão e os caminhos vão sendo traçados à medida que eu percebo a disponibilidade e o interesse deles por esta ou aquela atividade. Veja bem, não se trata de não planejar ou definir a aula; trata-se de

permitir que os alunos também sejam autores da situação. Eles têm mais interesse quando percebem que são capazes de criar algo.

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprender ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto direto – alguma coisa – e um objeto indireto – a alguém. (FREIRE, 1997, p. 23)

Ao final de todas as aulas, nós nos reuníamos em círculo, todos com as mãos ao centro e gritávamos “turma do teatro”. Um dia, um deles sugeriu que nós gritássemos “Família do Teatro” e assim está sendo até hoje. E é sobre o processo desse grupo, que se reconheceu família, que eu vou falar agora.

Imagem 12 – FAMÍLIA DO TEATRO



2.3. A Família do Teatro

Se procurarmos em dicionários de língua portuguesa, a definição da palavra família vai sempre envolver compartilhamento de afeto e espaço. Mas, para se chegar a esse pensamento, que não era o objetivo, mas se tornou ainda melhor, nós tivemos um longo percurso.

Eu sempre me recusei a montar cenas para o dia das mães, dia dos pais, dia do índio, dia da árvore e todas essas datas comemorativas por acreditar que o lugar do teatro na escola não é mero entretenimento, embora seja muitas vezes diversão. Quando eu pensei em montar algo com os alunos, a única coisa que eu tinha em mente era que tinha que ser algo que fosse especial para eles, algo que fizesse sentido dentro do universo deles, que tivesse a “cara” de cada um. Por isso, a primeira coisa que eu perguntei no primeiro dia de aula, antes de falar qualquer coisa, foi: “O que vocês querem fazer?”.

Essa pergunta, por um momento, gera um estranhamento e uma certa confusão, porque eles não estão acostumados a decidir o que fazer na escola. Existe uma série de assuntos que nós, professores, temos que abordar ao longo do ano, um calendário com trabalhos e testes, impossibilitando muitas vezes algum tipo de alteração. Os professores de artes em geral ainda costumam experimentar essa liberdade, mas, ainda assim, especialmente para o Ensino Fundamental II, existem regras a seguir. Lutamos por um currículo e precisamos usar a liberdade que temos com sabedoria, para que a brincadeira não se torne dispensável. Somos flexíveis, mas não estamos na escola fazendo qualquer coisa.

Após o silêncio, que soa como “eu não faço ideia do que eu quero fazer”, vem uma enxurrada de informações; eles querem fazer tudo... ao mesmo tempo! Eu anoto todas as ideias em um caderno, o caderno da turma. Eu faço perguntas sobre que tipo de música eles gostam, sobre quais assuntos eles querem falar, se eles querem utilizar alguma história que já existe ou se preferem criar algo do início etc.

Para exemplificar, em 2018, após esse primeiro registro, surgiu a ideia de trabalhar com a história de “Alice no País das Maravilhas”. É aqui que o trabalho de montagem realmente se inicia. Alice é uma obra que desperta a imaginação em uma centena de maneiras, rompendo com a lógica e se desdobrando em múltiplas possibilidades. Já em 2019, eles tinham muitas ideias diferentes: A Família Adams,

Aladdin, O Rei Leão, A Bela e a Fera, Branca de Neve, Peter Pan, As Crônicas de Nárnia etc. Por fim, um deles questionou se eles não poderiam reunir tudo em uma única peça. Responder que “não” para uma ideia possível nunca foi uma opção e assim criamos “A Reviravolta das Histórias”.

Iniciamos as aulas práticas trabalhando com diversas improvisações e jogos. A turma era dividida em grupos e cada grupo ficava responsável por um momento da história. Era a visão deles sobre o enredo. Nesse momento, eles começam a entender a importância de cada um dentro da história. Ninguém possui personagem definido e todos participam. Saber trabalhar em equipe, respeitar a ideia do colega, ter paciência e humildade se tornam características fundamentais. Eles começaram a se respeitar mais, a perceber e trabalhar com a limitação do colega, sem julgamentos.

Imagens 13 e 14 - JOGOS E IMPROVISAÇÕES



Durante os jogos e improvisações, eles são livres e, de forma inconsciente, começam a se organizar nos locais em que se sentem mais confortáveis ou deixam escapar alguns desejos. Uma aluna doce e sensível, coloca-se no lugar de uma vilã e experimenta essa situação cenicamente: Sombra e Persona trabalham juntas para que a cena seja criada. Meninas se sentem livres para ocuparem os papéis normalmente designados aos meninos e vice-versa: Anima e Animus se conectando sem juízo de valor. Naquele espaço, eles estão seguros para pensarem e serem o que quiserem ser. O aluno-artista cria uma consciência sobre si mesmo, quem ele é e o espaço que ocupa; permite que novas ideias e facetas surjam, vivenciando um modelo de mundo que ele mesmo criou e, o mais importante, não criou sozinho.

Após esse segundo momento, eu pergunto a cada um deles que tipo de papel eles gostariam de ter: se querem ser vilões, malucos, sérios, falar bem pouco, falar muito, não falar *etc.* Em cada etapa, eu deixo claro que faremos o possível para atender o desejo de todos, que vão desde “eu gostaria de cair em cena” até “eu gostaria de me apaixonar”, mas que nem sempre será possível. Alguns alunos gostam de me ajudar e se sentem mais felizes com personagens curtos.

[...] um dos jeitos de construir a comunidade na sala de aula é reconhecer o valor de cada voz individual. [...] ouvir um ao outro (o som de vozes diferentes), escutar um ao outro, é um exercício de reconhecimento. Também garante que nenhum aluno permaneça invisível na sala. (HOOKS, 2017, p. 58)

A essa altura, eles já compreenderam que cada um deles tem um papel fundamental dentro da história, que todos estão conectados e que um depende do outro para contar a história. No entanto, eles também entendem que são capazes de improvisar diante de qualquer imprevisto, como o esquecimento ou uma ausência surpresa.

Eu construo o roteiro a partir de todas as improvisações que eles realizam durante as aulas. Cada fala, cada momento, é pensado de acordo com o que eles inventaram para a cena. Eu costuro todo o material que eles me deram. Eles pensaram no tipo de história que seria contada e como essa história seria contada. Durante as aulas, eles discutiram questões estéticas e textuais, tudo é registrado e observado. Toda criação dramática é resultado dos experimentos realizados em sala de aula, inclusive entrevistas com os próprios personagens após a divisão dos mesmos (ANEXO 4, p.90-91) Qualquer dúvida que eu tenho sobre o roteiro, qualquer insegurança, é transformada em exercício cênico. Se eu não tenho certeza sobre a escolha do final da peça, por

exemplo, eles recriam diversos finais e nós escolhemos um ou unimos mais de um para usar.

Além das improvisações com informações que eles já conheciam da história (da Alice ou das diversas narrativas que envolvemos em “A Reviravolta das Histórias”), dois jogos importantes para o andamento do trabalho foram a já citada entrevista e história em conjunto.

Na História em Conjunto, sentamo-nos em um círculo e imaginamos a história que queremos contar e como vamos solucionar teatralmente cada parte. Um aluno inicia a história e, quando eu bato palma, outro continua. Durante a contação, eu vou escrevendo em um caderno o máximo de informações possível sobre o que eles estão dizendo. Se surge algo complicado, como, por exemplo, "então o personagem voa", eu questiono como poderíamos fazer isso no palco. Abaixo, é possível conferir o que foi escrito no exercício para a peça “A Reviravolta das Histórias”. Esse é um momento muito importante do processo, é quando eles percebem que, embora ainda não tenham um texto organizado, eles têm uma história para contar. Muitas coisas interessantes surgem desse momento. Nesse caso, surgiram as princesas fortes e que não precisam de um príncipe e a noção de que você não precisa destruir a história de ninguém para criar a sua.

Contando Histórias em Conjunto – Exercício (2019)

1. As pessoas rasgam os livros porque querem escrever uma outra história.
2. Alguém precisa falar: "Essa história está horrível, muito infantil". Elas podem colar os pedaços que rasgaram no final.
3. A Família Adams tenta convencer a todos do que tinha acontecido. Os mais estranhos são os mais legais.
4. Ideia: Timão e Pumba falam que possuem a solução e cantam Hakuna Matata. Depois perguntam: "Todos curados? De volta?". Todos se olham e percebem que não.
5. Eles conseguem convencer uma das princesas com o espelho da verdade, mas logo em seguida derrubam o espelho (A Branca de Neve quebra o espelho, ela pode ser desastrada).
6. Com o barulho, as meninas que estavam no celular acordam e observam a confusão que estava acontecendo, percebem que as histórias podem ser legais e ajudam a solucionar. Elas apagam todos os rabiscos que fizeram nos livros no início e tentam organizar as páginas de volta.

7. Ao final, as histórias se despedem, mas algum barulho (sinal da escola ou a mãe chamando) faz com que eles esqueçam uma história.

8. A Sininho fica perdida sozinha no palco achando que não vai conseguir voltar, mas depois lembra que tem poderes e volta sozinha.

9. Você não precisa destruir a história dos outros para construir a sua.

10. Princesas que não precisam de príncipes.

Imagem 15 – CONTANDO HISTÓRIAS



Na entrevista (ANEXO 4, p.90-91), os personagens já foram divididos. É um exercício muito simples, embora desafiador, e eles gostam muito. Eu faço uma roda e um aquecimento simples, buscando a concentração e unidade do grupo. Em seguida, eles caminham pelo espaço e eu vou dando algumas indicações: para pensarem em como o personagem deles vai caminhar, qual a voz desse personagem, como ele fala, se

tem algo que ele sempre repete, qual a história de vida dele, uma frase do personagem que está no texto, com quem esse personagem se relaciona mais na história *etc.* Em seguida, todos se sentam em meia-lua. No palco ou na frente da sala existe uma cadeira. Eu, então, chamo um por vez pelo nome do personagem. O aluno vai até essa cadeira e todos os outros iniciam uma entrevista. Eles podem perguntar o que quiserem e o aluno tem que responder como o personagem. Foi nesse exercício que surgiu o pum do Pumba no final da peça, a paixão da Vandinha pelo Peter Pan e um Alladin cheio de gírias, por exemplo.

Nesse exercício eles começam a se sentir seguros em seus próprios personagens, capazes de improvisar durante a cena; todos conhecem as ideias dos colegas; e gera uma sensação de união entre eles. É nesse momento, inclusive, que eu observo os maiores desejos e criações de símbolos por parte dos alunos. Homens e mulheres são orientados por símbolos ou códigos inconscientes. Somos potencialmente criadores de símbolos e precisamos reconhecê-los como nossos, compreendê-los como parte essencial do nosso caminho para a individuação e respeitá-los como ao nosso próprio corpo físico, como uma extensão do que nós somos. Eu fico muito atenta para não os deixar em uma situação ruim ou com vergonha. A atividade é um desafio, não é um teste para saber quem é capaz ou não.

Imagem 16 – CAMINHANDO



Imagem 17 – ESTUDANDO O ROTEIRO



De forma mais prática e resumida, a ordem e a lógica do processo seria:

1. O que vocês querem fazer? A pergunta que gera um impacto, muita confusão e, ao mesmo tempo, coloca-os em posição de decisão.
2. Jogos e improvisações: a partir das respostas da fase 1, eu planejo uma série de aulas com jogos e improvisações. A turma se conhece melhor, os alunos se entrosam e, inconscientemente, começam a mostrar na prática o que desejam.
3. O que você quer fazer? Agora no singular, essa segunda pergunta já não causa tanto espanto. Eles já compreendem como tudo funciona e já sabem a importância de cada um para o grupo. Eles se sentem à vontade para dizer que querem falar mais ou

menos ou que querem estar em cena apenas um pouco e me ajudar no que for necessário do lado de fora. Eles já sabem, também, os tipos de personagens que mais gostariam de fazer.

4. O objetivo dessa etapa é reunir tudo o que foi trabalhado no decorrer desse tempo, todas as falas e cenas, e transformar em um texto. É como uma colagem. Nessa fase, qualquer dúvida é esclarecida por eles em cena, eu não resolvo sozinha.

5. Montagem: Nessa etapa, os ensaios com o texto começam. Leituras são realizadas e as marcações são definidas apenas depois que eles mostram suas ideias.

6. Paralelamente à etapa anterior, também começamos a pensar em cenário e figurino. Resolvemos cada detalhe juntos e um ou dois dias ficamos na escola até mais tarde para construir o cenário. Aqui, mais uma vez, os alunos colocam a mão na massa: eles pintam, lixam e montam tudo o que for necessário.

7. Apresentação: Tudo pronto. Desde que começamos o processo, nossa primeira apresentação é realizada no Festival de Teatro de Alunos da Rede (FESTA). Nessa fase, eu também deixo os alunos conduzirem todos os preparativos, incluindo a maquiagem. Eles contam com o meu apoio e de alguns outros professores, mas de forma alguma assumimos a responsabilidade. Eles são protagonistas dentro e fora de cena.

Imagem 18 – CRIANDO O CENÁRIO



Pensando nesse protagonismo e para criar ainda mais uma sensação de pertencimento e responsabilidade, sempre criamos algo para arrecadar dinheiro. Já criamos uma rifa, já combinamos que cada aluno iria doar R\$ 2,00 por mês e eu doaria R\$15,00 para arcar com os custos de figurino, cenário, transporte, lanche e qualquer outra necessidade do grupo. Obviamente, o dinheiro arrecadado não é suficiente e normalmente eu cubro todos os gastos extras, mas eles se sentem mais à vontade e compreendem as necessidades da equipe. Aqui, não estamos falando do preço que as coisas têm, estamos falando do valor, estamos falando muito pouco do material e mais do significado que esse dinheiro tem para o grupo.

Nesse processo de montagem, afeto e educação, eu sou uma ferramenta de provocação. Eu uso o que eu sei para provocar os alunos e sempre me surpreendo positivamente com a criatividade e a disponibilidade deles. Não estou em sala com eles para ensinar o que eu sei, nós estamos juntos realizando trocas:

Explicar alguma coisa a alguém parece, antes de mais nada, analisa Rancière, demonstrar-lhe que não poderia compreender por si só; o que cria uma dependência permanente do mestre, de quem o aluno sempre precisará, e a quem sempre recorrerá para obter as necessárias explicações sobre novos assuntos. Somente compreenderá aquilo o que lhe for explicado, pois não experimentou entender por si mesmo, do seu modo, concebendo estratégias e táticas próprias de aprendizado. (DESGRANGES, 2011, p. 02)

O mestre ignorante do qual Rancière fala, não é o mestre sem conhecimento, mas o mestre que não leva em consideração apenas a ignorância do aluno. As experiências e ideias dos meus alunos são peças fundamentais no desenvolvimento da aprendizagem. Sobre isso, Jorge Larrosa também traz uma interessante fala sobre o ofício do professor: A minha experiência e tudo o que eu aprendi ao longo dos anos

As mãos do professor são então mãos que iluminam, que trazem à presença, que apresentam e representam; também são mãos que mostram, que indicam, que assinalam, que chamam ou atraem a atenção, que ensinam, que fazem sinais para o que aparece e merece o esforço de ser olhado. (LARROSA, 2018, p.94)

Eu tento usar a minha experiência e tudo o que eu aprendi ao longo dos anos para somar à experiência de meus alunos. Não pretendo me colocar em um palanque. Em minha prática, até hoje, nunca conquistei respeito e confiança através do medo, mas através do afeto e da troca.

Em 2019, antes de entregar o roteiro para cada um deles em uma pasta (exemplo também de cuidado e organização), eu escrevi uma pequena carta falando um pouco sobre tudo o que fazemos ao longo do ano, sobre o que o teatro pode representar para cada um de nós. Antes de abrir o roteiro e começar os ensaios, nós lemos juntos esse recado:

Olá, eu sou o seu roteiro!

Mas antes de ler e me estudar você precisa saber de algumas coisas:

- 1. Para fazer teatro, é preciso ter disciplina. Você precisa focar no seu objetivo e continuar estudando TODAS as matérias.*
- 2. Para fazer teatro é preciso ter humildade. Você não é melhor do que ninguém. A única pessoa que você tem que superar todos os dias é você mesmo.*
- 3. Para fazer teatro é preciso ser generoso. Ajude o seu colega que tem mais dificuldades. Juntos somos mais fortes.*
- 4. Para fazer teatro é preciso ter coragem: para inovar, ser criativo e ouvir críticas. Não somos perfeitos.*
- 5. Para fazer teatro é preciso ter respeito: por si mesmo, pelos seus colegas de cena, pela sua professora e por todos os que vão te assistir.*
- 6. Para fazer teatro é preciso ter sabedoria. Tudo o que você faz em cena tem uma consequência. Assim também é na vida. O teatro pode transformar vidas, que seja sempre de uma maneira positiva.*
- 7. Para fazer teatro é preciso pensar coletivamente: Somos uma equipe!*
- 8. Para fazer teatro é preciso ter foco. Tem hora para tudo: para brincar e para estudar.*
- 9. Para fazer teatro é preciso ter responsabilidade: encarregue-se dos compromissos que assumir durante a sua vida.*
- 10. Divirta-se em cena!*

Agora sim, bem-vindo ao nosso novo universo!

"Eu ponho a minha mão na sua para que juntos possamos fazer aquilo que eu não posso e não quero fazer sozinho: Teatro!"

2.4. Deu Tudo Errado

Não, esse subtítulo não está errado. Durante a escrita desse trabalho, eu vivi o inferno na minha profissão. É lindo narrar nossas conquistas, mas é extremamente necessário conversar sobre o que pensamos ser o nosso fracasso. Eu me deparei com uma turma de sexto ano, muito diferente da turma narrada anteriormente e de todas as outras turmas que eu já lecionei, com diversos alunos defasados (com mais de 15 anos de idade), em que nada dava certo. Foram seis meses de diversas tentativas frustradas:

aulas práticas e teóricas, passando por teatro grego, teatro de animações, mímica, improvisação, trava-línguas e contação de histórias.

A turma me afetou de uma maneira extremamente negativa. Toda semana eu dizia para mim mesma que seria a última tentativa. Toda semana eu mentia para mim. Toda semana eu me sentia incapaz e me perguntava quem eu estava enganando. Era exaustivo preparar diversas aulas, com diversos temas e diversas abordagens e nenhuma funcionar. Depois de seis meses, uma média de 50 aulas falidas, eu não sabia mais o que fazer.

No papel de professora, tive de abrir mão da minha necessidade de afirmação imediata do sucesso no ensino e admitir que os alunos podem não compreender de cara o valor de um certo ponto de vista ou de um processo. [...] Deixar de lado a necessidade de afirmação imediata foi crucial para meu crescimento como professora. (HOOKS, 2017, p.60).

Um dia, enquanto estudava, lia e relia algumas coisas para o mestrado, eu me dei conta de que não havia do que desistir. Errar fez e sempre fará parte da minha profissão. De acordo com Vinocur (1998, p. 98), existem algumas maneiras pelas quais os erros podem acontecer: distração, conceituação, dificuldades na interpretação da instrução e construção. Obviamente em uma lógica de avaliação pedagógica, em uma lógica para crianças e adolescentes. Ora, como professora eu também estou em constante avaliação, então por quais motivos eu não iria analisar e tentar compreender em que ponto estou falhando e quais são os motivos que me levam ao erro? Por que não me colocar no lugar de aprendiz, uma vez que o serei eternamente?

No erro por distração ou dificuldade na interpretação da instrução, que têm o nome autoexplicativo, existe uma desconcentração na realização da tarefa ou um não entendimento da instrução. Descartado, uma vez que as aulas são planejadas e as instruções são criadas por mim. No erro conceitual, o sujeito ainda não construiu um conceito necessário para solucionar o problema. Também não é o caso, uma vez que, ao preparar uma aula, eu busco entender a ideia central (analisando aspectos práticos e teóricos), compreendendo os conceitos básicos que serão abrangidos em sala de aula e criando formas de passar a informação aos alunos a partir deles. Restou-me o erro construtivo: eu me baseei em uma lógica, testada em outras turmas, e agora preciso me adaptar a uma nova situação.

Nessa tentativa de compreender em que ponto estava a minha falha e em que ponto eu não poderia intervir, porque nem tudo está em minhas mãos, eu iniciei um pensamento sobre os arquétipos encontrados e desenvolvidos pela turma.

Não compreender ou participar do processo de formação da própria Persona não é ser original. Deixar a Sombra dominar não é ser corajoso. Perder-se no caos no lugar de aproveitá-lo não é inteligente. É necessário conhecer a própria Sombra, mas deixá-la dominar pode ser um caminho sem volta.

Essa turma, embora não seja a que eu esperava, também me fez aprender lições valiosas para a vida, não apenas para a minha profissão. A primeira delas é que algumas vezes não vai dar certo mesmo e está tudo bem. Parece uma mensagem de efeito barata, mas não é. Eu me cobrava de maneira absurda. Eu precisei me afastar do trabalho por recomendações médicas por duas semanas (seriam 30 dias, mas eu não quis). Foi nesse tempo que eu respirei e entendi a segunda lição: se eu não estiver bem, forte e equilibrada, eu não vou conseguir realizar o que quer que seja, eu não vou conseguir contribuir com a formação de quem quer que seja, eu não vou conseguir nem ser afetuosa.

Pausa.

Percebe a gravidade? O afeto é a base da minha prática: se eu o perco o que sobra? Mas eu erre muito para perceber isso. Escrevo esse trecho em outubro de 2019, a turma não mudou, mas eu mudei a maneira como estava encarando o problema que eu tenho em mãos.

No próximo capítulo vou expor algumas mudanças positivas e negativas percebidas em alguns alunos da “Família do Teatro”, bem como as transformações que tiveram enquanto grupo.

CAPÍTULO 3: CAMINHOS QUE LEVAM À TRANSFORMAÇÃO INDIVIDUAL E COLETIVA

Durante os ensaios da peça, uma aluna (Lays) me perguntou por que eu nunca estava em cena com eles. Fiquei um tempo com esse questionamento na minha cabeça. Não que eu ache errado o professor entrar em cena com os alunos, mas eu gosto de assistir, de vê-los brilhar. Por outro lado, isso acontecia apenas no resultado. Durante as aulas, eu sempre me colocava como exemplo e parte do grupo e, em muitas atividades, participei com eles, sempre atenta às mensagens que eram reveladas durante as atividades. Tentei romper a ideia de que eu sou alguém que explica e eles são pessoas que aprendem; tentei ser parceira dos meus alunos, companheira de aula, “parceira de jogo”, como diz Viola Spolin (SPOLIN, p. 33, 2012). Mas, nessa vida de artista-docente-pesquisadora, ser plateia é privilégio, ser plateia deles é um presente. Acompanhar a evolução de cada um dos meus alunos tem me dado muito mais prazer do que subir no palco. Eu não desisti de mim, eu me encontrei neles.

Jung nos diz que homens e mulheres são orientados por símbolos, que se traduzem como códigos para desvendar o mapa do nosso inconsciente. Esses símbolos fluem do si mesmo (self), a totalidade da esfera psíquica, o registro completo de nossa existência. Somos potencialmente criadores de símbolos e precisamos reconhecê-los como nossos, compreendê-los como parte essencial do nosso caminho para a individuação e respeitá-los como ao nosso próprio corpo físico, como uma extensão do que nós somos. Como professora, eu estou atenta aos símbolos que meus alunos produzem em suas diferentes formas e linguagens, para que eu possa ajudá-los nesse caminho de transformação e autoconhecimento. Estar na posição de plateia, como alguém que os instiga, me dá a oportunidade de ver como e de que forma esses símbolos, essas informações, essas mensagens, são produzidos e se desdobram nas aulas.

Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspecto “inconsciente” mais amplo, que nunca é precisamente definido ou inteiramente explicado. E nem podemos ter esperanças de defini-lo ou explicá-lo. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a ideias que estão fora do alcance da nossa razão. (JUNG, 2008, p.19).

Apesar de não haver uma resposta objetiva e única para todos os símbolos produzidos pela humanidade, podemos estar atentos aos símbolos no contexto em que estamos inseridos, analisando o todo e não apenas uma parte do histórico do indivíduo. Como professora, embora eu tente criar uma base e uma unidade em minhas aulas, eu sei que estou trabalhando com diferentes realidades. Por isso, essa dissertação não tem o objetivo de ensinar uma técnica de avaliação e utilização de símbolos e arquétipos ou um modo de sucesso para dar aulas de teatro. Não. Cada indivíduo é único, repleto de particularidades, bem como cada professor tem uma visão e um modo de trabalho individual, embora tenha suas referências e inspirações.

Imagem 19 – FALAR E OUVIR



Esse capítulo será dedicado a falar em particular sobre as mudanças visíveis em alguns alunos¹ que fizeram parte do grupo de teatro, bem como revelar alguns exercícios que foram utilizados pensando no amadurecimento e transformação do grupo e de cada um que estava presente. Libertar o potencial durante as aulas de teatro tem pouquíssima relação com o desenvolvimento deles enquanto artistas. Eu estou muito mais interessada em saber se eles evoluíram dentro de suas próprias limitações e superaram seus limites.

¹ Os nomes foram alterados para preservar a privacidade dos alunos.

3.1. A História dos Alunos

3.1.1. Pedro

Pedro pediu para entrar na eletiva de teatro no 8º ano, em 2018. Nesse mesmo ano, eu comecei a lecionar artes cênicas para sua turma regular. Foi uma surpresa. Pedro era um menino tímido, a maioria dos professores pouco conhecia a sua voz e ninguém acreditou que ele pediu para fazer as aulas especiais de teatro.

Pedro é um aluno excelente não apenas nas notas. Ele é um adolescente muito tranquilo, não se envolve em confusão, está sempre disposto a ajudar e respeita os colegas e professores. Antes de entrar no grupo de teatro, demonstrava ser participativo em todas as atividades propostas pelos professores, mas era um aluno sem iniciativa.

Durante o desenvolvimento da peça, Pedro foi criando coragem e querendo enfrentar novos obstáculos a cada dia. Durante as improvisações, ele sempre saía de sua zona de conforto e, com o tempo, ele foi se encaixando com o personagem do Chapeleiro Maluco. Foi um desafio que ele quis realizar e aceitou sem nenhum problema. Era um personagem completamente diferente de quem ele era no dia a dia. Foi lindo vê-lo se desafiar a cada ensaio, a cada apresentação. Foi lindo ver a evolução dele no palco e, principalmente, fora dele. Alguns professores relataram que perceberam seu desenvolvimento ao apresentar trabalhos e no contato com os colegas de turma. Ele participava mais ativamente das aulas e parecia mais confiante consigo mesmo. A professora Bianca Pieroni, que ensinava Ciências para a turma dele, procurou-me para dizer que tinha ouvido claramente a voz dele pela primeira vez na apresentação de um trabalho em sala.

Nesse primeiro momento, foi necessário fazê-lo se sentir capaz. Ele tem um potencial incrível e que estava guardado. O passo inicial foi tentar criar um ambiente seguro para todos, mas, no caso de Pedro, era preciso fazê-lo se sentir seguro: para falar, debater, dar ideias, liderar e criar. Comecei a pesquisar atividades relacionadas a isso e, abaixo, listo alguns dos jogos realizados:

- A. Quem começou o movimento: Um aluno é retirado da sala, enquanto isso os outros decidem quem será o líder no momento. O aluno escolhido deverá criar movimentos e todos os outros devem imitar ao mesmo tempo, sem deixar escapar quem é o líder. Ao voltar para sala, o aluno deve descobrir quem está criando os movimentos. Essa atividade é

extremamente simples e cria unidade no grupo, todos estão juntos e tentando cumprir um objetivo em comum. Em um dos momentos, coloquei Pedro como líder, era seu momento de tomada de decisão e de iniciativa: seu corpo, suas ideias e seus movimentos. Lembro-me até hoje seu olhar assustado e, também, sua risada no final. Era um passo pequeno, mas muito importante.

- B. Espelho: Em duplas, um aluno era o espelho. O espelho deveria refletir todos os movimentos da dupla, funcionando como um reflexo. Nesse jogo não havia segredos, todos sabiam quem era o criador dos movimentos e quem estava tentando ser o seu reflexo. Cada vez que eu batia palma, a dupla deveria mudar de posição; a segunda palma significava a mudança de dupla, com qualquer pessoa perto de você, mas não podia repetir. Com essa atividade, cada aluno brincou com quase todos do grupo, criando uma sintonia entre eles. Além disso, era necessário ter confiança de que o colega não acharia as ideias bobas ou ridículas, apenas iria se movimentar junto com você.

No segundo ano do grupo de teatro, Pedro e mais um grupo de alunos da escola chegaram com uma proposta de realizar um dia especial no mês de prevenção ao suicídio, que contou com o apoio essencial da professora de História Roberta Rocha. Ele me procurou para propor uma atividade com o grupo de teatro. O menino tímido ainda estava lá – timidez não é doença –, mas ele, agora, conseguia controlar e ser um líder na hora de realizar atividades. O maior medo de Pedro era se encontrar em uma situação de exposição, mas ele foi capaz de confrontar a sua própria Sombra e assumir o controle da situação.

No final de 2019, último ano dele e da maioria do grupo na escola, eles se reuniram e fizeram uma festa surpresa para mim, uma espécie de despedida. Alguns escreveram cartas e poesias, outros fizeram vídeos (ANEXO 2, p.78). Pedro optou pelo vídeo e fez uma edição muito interessante: sua voz ao fundo e na imagem apenas cenas das apresentações e dos ensaios, em que ele aparecia como um personagem. Em sua fala, Pedro se mostra muito consciente de sua transformação pessoal:

– Bom, eu tô fazendo essa gravação porque eu não tenho coragem de falar o que eu vou falar agora na frente de todo mundo. Como vocês sabem, eu não sou muito sentimental e também não sou muito bom com discursos, mas eu vou tentar acertar. Bom, professora, eu quero que você saiba que eu agradeço todo dia a Deus por ter colocado você na minha vida. Você

conseguiu me mudar, você me mostrou que eu sou capaz de fazer o que eu quiser, basta acreditar. Um dos maiores desafios da minha vida foi fazer o Chapeleiro Maluco, eu não acreditava que eu ia conseguir o papel. E no dia que você falou que eu ia conseguir, que eu consegui, eu fiquei em choque, porque o personagem é muito solto, muito empolgado e ligado no 220. Eu pensava que eu não era capaz, mas você me mostrou que eu era. Com essa eletiva de teatro, eu mudei completamente e todos que me conhecem desde o início sabem que há uma diferença enorme entre o meu eu de 2017 e o meu eu de 2018. (ANEXO 2, p.78).

Pedro ainda volta a homenagem para os colegas, agradecendo a todos eles e afirmando que ele não mudaria nenhum momento que passou com aquelas pessoas do grupo de teatro, com aqueles amigos. Falou da importância de cada fase e que todos nós do grupo fazemos parte dos melhores momentos de sua vida.

Os personagens de Pedro criaram uma “capa protetora” para que ele conseguisse perceber todo o seu potencial. Começou como um teste ou uma fuga: no palco não era ele, era o personagem. Quando ele enfrentou inicialmente os colegas nos ensaios e depois uma plateia cheia, foi a confirmação para ele mesmo de sua capacidade. Ele não precisa mais se esconder, poderá ser sempre tímido e quieto, mas, agora, forte e com coragem para tomar decisões.

3.1.2. Luiza

Ana participou da eletiva de Teatro por dois anos. Era uma menina que tinha dificuldades em demonstrar afeto, mas foi se mostrando muito doce. Em um primeiro momento, parecia assustada e envergonhada, o que é absolutamente normal, mas com o tempo foi se sentindo segura para mostrar todas as suas faces.

Em determinadas ocasiões, eu gosto de dar mais responsabilidades para os alunos. Por exemplo, quando eles estão na escola sem aula, mas eu estou com alguma turma, eu abro o auditório para que eles possam ensaiar sem mim. De vez em quando, eu aparecia de surpresa para conferir o que estavam fazendo e outras vezes algum aluno ia pedir ajuda porque nada estava funcionando.

Nesses momentos eu percebi que Ana mudava muito. De calma e silenciosa quando eu estava presente, ela passava a gritar e tentar se impor de forma rude, coisa que eu nunca fiz. Ela gostava de ordem, mas embora eu nunca tenha sido grosseira com eles, esse foi o caminho que ela encontrou para conseguir firmar algum respeito e organização perante os colegas.

Eu precisei de algum tempo para entender o que estava acontecendo, para observar o comportamento dela, entender como ela agia em outras aulas e compreender que Ana precisava apenas de atenção. Na primeira peça, ela pediu para ter um personagem menor. Era sua primeira experiência e ela não se sentiu à vontade para se expor. No segundo momento, ela me pediu para “falar mais”, surgiu cheia de ideias. Foi quando eu comecei a entender: quando ela não estava em cena, quando ela não era o foco ou não era ouvida, ela não queria contribuir. A Sombra de Ana veio com muita força no segundo ano, ela mudou em relação ao primeiro e queria impor a sua presença e não fazer parte de algo apenas. A ideia, mesmo inconsciente, de sua necessidade em ser ouvida estava ultrapassando a sua capacidade de trabalhar em equipe e construir algo coletivamente. Ela estava cobrindo suas qualidades com a ideia do que deveria ser.

Sua segunda personagem era uma das meninas que destruía os livros com as histórias. Durante os ensaios percebi que Ana tinha muitas ideias sobre como a destruição poderia acontecer, mas pouca participação sobre como as histórias poderiam se consertar: “A gente só destrói”, disse ela em uma das aulas práticas (ANEXO 4, p.90). Eu não queria destruir a Sombra de Ana, não há como, faz parte de quem nós somos, mas eu gostaria de contribuir para que ela compreendesse e tivesse uma relação mais saudável com esse lado da sua psique. Ela não era só aquilo.

Então, durante os ensaios, eu comecei a investir em saídas para a cena, distribuindo os personagens das meninas com todos da turma:

- A. Só havia esses personagens em uma aula e a ideia era criar uma saída para o problema das histórias que nós já havíamos criado. Era o dia dela: todos estavam fazendo exercícios e improvisações com o personagem que era dela. Todos juntos. Nesse dia, eu disse que precisava resolver uma coisa na direção e deixei-os sozinhos por dez minutos. Quando eu voltei, eles estavam trabalhando em seus lugares em paz, sem confusão. Quando a aula acabou, Ana me abraçou e disse que “foi muito legal” o ensaio.

Além dessa atividade, outro momento que vale a pena lembrar nesse contexto é o jogo “trocando de lugar”. Eu defini que cada aluno deveria ter o seu personagem e separei quem iria substituir quem em uma possível ausência. Nesse momento, o seu papel era tão importante quanto o do outro, cada um deles deveria estar pronto para essa situação:

B. Assim, dei a Ana e aos outros uma segunda grande responsabilidade e, nesse dia, também ensaiamos com as trocas. Ver como o outro faz o seu personagem, desafiar a si mesmo fazendo o personagem do outro, todos juntos, trabalhando com um único objetivo, sem grandes líderes e gritos que não ajudam em nada, apenas entendendo a responsabilidade de cada um e, mais do que isso, a importância de cada um.

Segui a mesma linha algumas vezes, dei responsabilidades para Ana, queria saber como ela iria se comportar e ela foi mudando e entendendo quem ela era dentro do grupo. Não fiz isso sozinha, fiz porque ela permitiu. Não significa que ela mudou 100%, mas significa que ela pode ter encontrado um novo caminho para ser ela mesma, com todas as suas qualidades e defeitos. Ana é forte e adorável ela só precisava misturar as duas coisas.

3.1.3. Daniel

Daniel sempre foi muito comunicativo, criativo e corajoso em cena. Ele gosta de experimentar coisas e ajuda os colegas. É um adolescente seguro e curioso. Apesar de ser popular, gostar de conversar e brincar, é um aluno interessado. Suas qualidades ficaram muito evidentes no primeiro ano, quando montamos a peça inspirada em Alice no País das Maravilhas. Havia três Alices e Daniel era uma delas, chamado de Alan (nome escolhido também por eles). Ele era responsável com os ensaios, chegava na hora e estudava em casa.

No primeiro ano, Daniel mostrou-se muito comprometido e extremamente criativo. As partituras corporais e coreografias tiveram muito de suas improvisações e ele sempre buscava ensaiar. Ele estava confortável nessa posição de protagonista (definido por todos durante os ensaios, como já dito anteriormente).

No segundo ano, quando criamos o espetáculo, não havia personagem principal. Todos eram iguais em importância e possuíam quase a mesma quantidade de falas. Daniel claramente não ficou feliz com isso. Em vários momentos, passou a chegar atrasado, no meio da cena (quando não tinha falas) queria sentar ou usar o celular e demonstrava que estava entediado. Ele teve muita dificuldade para se organizar sem ser o centro das atenções, como ele achava que era antes. O desafio era fazê-lo entender a sua importância para o grupo, não apenas individualmente. Não havia estrelas

separadas, o que existia era um conjunto que estava sem unidade por conta de atitudes como essa.

Eu conversei com Daniel sobre isso, mas eu precisava que ele entendesse o que eu estava falando na prática, com exemplos. Para isso, aproveitei duas oportunidades em que convidei dois amigos, em momentos distintos, para dar uma oficina para essa turma:

- A. A primeira sobre palhaçaria, com o colega Vinicius Mousinho, tocou no ponto da exposição não controlada. Como oicineiro não os conhecia, ninguém foi o centro das atenções. Ao final, o professor conversou com eles e falou da importância de ser responsável, disciplinado, de ouvir e entender os comandos e de trabalhar em equipe. O professor chamou a atenção do Daniel em uma das atividades em que eles deveriam apenas andar normalmente em um primeiro momento, mas o aluno rodopiou e tentou aparecer arrancando risadas dos colegas e desconcentrando o grupo.
- B. O segundo professor, Jorge Féo trabalhou com eles direção de cena, tentando mostrar a importância dos detalhes, da concentração e do respeito ao colega de cena (estando você em foco ou não). Ao final da oficina, nós apresentamos o que já estava pronto da peça e ele disse, entre outras coisas, que a cena é um quadro e todos ali precisam estar presentes: todos estão sendo vistos, tudo o que eu já havia dito para ele. Daniel olhou para mim na mesma hora, a gente se entendeu naquele momento.

Nunca é tarde para mudar e pensar diferente. Eu não desisti dele e ele também não desistiu do grupo, só demorou a entender a sua importância mesmo não sendo o protagonista. Essa importância foi destacada quando participamos do Festival de Teatro de Alunos da Rede, o FESTA, e os jurados falaram que a coisa mais impressionante foi ver mais de vinte alunos no palco, um respeitando o momento do outro, todos concentrados e contribuindo com a cena.

[...] já o primeiro grande desafio que eu amei: todo mundo tinha uma participação, todo mundo tinha um papel, respeitar o momento do outro e isso é muito difícil. [...] todo mundo teve a sua participação e isso é importante porque cada um aqui foi muito importante e essencial na cena, muito legal, né? [...] gostei muito de como conseguiu organizar um grupo tão grande assim, sem deixar ninguém de fora [...] conseguiu dar a importância pra cada um aqui e cada um aqui com certeza se sentiu muito valorizado. Muito bom ver isso. [...] gostei muito de ver vocês, gostei de ver a interação e acima de tudo o respeito pelo outro. Porque um poderia de repente querer puxar a cena do outro, roubar a

fala do outro, acontece com adolescente e criança, mas vocês respeitam e respeitaram, foi tudo bem sincronizado, vocês estão de parabéns. (ANEXO 6, p. 101).

Tenho muito orgulho da evolução de Daniel dentro de cenas, mas, principalmente, fora delas, sem plateia, quando ele, a sua personalidade e o que ele queria ser para o mundo falavam mais alto.

O mais importante a se destacar é que as mudanças de Daniel no modo como se comportava em relação ao grupo e aos ensaios ocorreram de forma espontânea. Não havia ameaças, brigas ou moedas de troca. Houve conversas, ensaios, atividades e aulas, mas foi a sua percepção que o fez mudar de direção. A sua sombra narcisista e individualista se acomodou em um adolescente seguro, mas capaz de valorizar o outro e de se reconhecer como parte de algo maior, além dele mesmo.

3.1.4. Viviane

Viviane entrou no grupo de teatro em meados de 2017. Era uma adolescente desorganizada com as atividades escolares, desatenta, com muita dificuldade de concentração e extremamente barulhenta: ela não tinha controle da sua própria voz. Ela não desrespeitava os professores de uma maneira geral, mas também não conseguia prestar atenção quando era necessário.

A atenção e o controle que temos sobre nosso corpo é construção. Alguns têm mais facilidade nesse caminho, outros demoram um pouco mais. Viviane precisava de consciência sobre si mesma, sobre quem ela é, sobre o que ela estava fazendo na escola, sobre sua própria capacidade de criar e sonhar. Ela precisava de alguém que oferecesse afeto e honestidade, alguém que não destruísse sua autoestima já tão abalada pelo período da adolescência. Esse alguém veio em formato de professora e ganhou força porque ela encontrou no grupo de teatro a segurança de que precisava:

[...] a senhora me fez acreditar em mim, quando eu tinha certeza de que mais ninguém acredita. Eu só tenho a agradecer por tudo o que a senhora fez e pelo que a senhora faz por mim, não só por mim, mas por todos nós. A senhora é minha fada madrinha. (ANEXO 2, p.80).

Viviane encontrou nas aulas de teatro a confiança de que precisava para reconhecer e enfrentar a própria Sombra. Alguns exercícios foram pensados com esse objetivo, da confiança, autocontrole e autoestima:

- A. Um dos exercícios que fizemos foi para entender como nosso corpo funcionava dependendo das mensagens que a gente recebia. Um aluno deveria ficar ao centro e os outros alunos caminhavam ao redor dele falando coisas ruins para ele, enquanto isso o aluno que estava no centro deveria mostrar com o corpo o que estava sentindo. O mesmo acontecia – e essa era a parte principal – com os alunos ao redor falando palavras e frases gentis e afetuosas. Ao final do exercício, nós fazemos uma roda e conversamos sobre o que aconteceu, ouvindo a opinião de cada um e esclarecendo algum entendimento vago sobre o assunto. Vale ainda ressaltar que as palavras ruins utilizadas deveriam ser genéricas (“você é fraco”, por exemplo) e não um ataque real ao colega. Inclusive, conversamos sobre as diferenças e o respeito que devemos ter por elas. Cada um tem um corpo, uma voz, uma personalidade e um modo de interagir, ninguém nunca será igual a ninguém e se eu não posso dizer nada de bom para alguém, eu também não vou apontar falhas a troco de nada. Pessoas fortes e interessantes ajudam os outros a crescerem e não tentam diminuir ninguém.
- B. Transformação de objetos: embora simples essa atividade pode gerar muitas reflexões. Diz respeito a capacidade criativa de cada um, ao tanto de possibilidades existentes, ao modo como cada pessoa enxerga o mundo. Manifestações como “Nossa! Como eu não pensei nisso?!” e “Muito bom! Genial!” foram muito comuns. O jogo consiste em colocar um objeto no centro da roda (algo simples, como uma caneta ou um apagador, por exemplo) e avisar que cada aluno deve criar uma utilização para aquele objeto que não seja a comum, já conhecida por todos. Eu costumo começar o exercício dando um exemplo. Essa atividade contribuiu com a Viviane no sentido de mostrar que se ela podia transformar aquele objeto, ela também podia transformar a si própria, pensando em outros caminhos e não aceitando qualquer migalha.

No final de 2018, uma mãe me procurou na escola. Imediatamente, eu pensei que seria algum problema com notas ou algo do tipo – sempre desconfio de alguns responsáveis que procuram o professor apenas no final do ano. Chegando na secretaria,

encontrei a mãe de Viviane. Fiquei ainda mais confusa, já que não havia nenhum problema relacionado a suas notas ou comportamento comigo. Para a minha surpresa, ela só queria agradecer. Ela disse que, desde que começou a fazer teatro, a filha estava mais disciplinada com os demais afazeres da escola, mais calma e organizada. Eu fiquei emocionada. Foi uma grata surpresa saber que a família havia percebido a diferença, não apenas eu.

3.1.5. Maria

Eu acompanhei Maria em um momento muito delicado de sua vida. Sua irmã mais velha havia acabado de sair da escola e conseguiu passar para uma escola técnica, onde iria realizar o Ensino Médio. Ela começou a se sentir pressionada, acreditava que não era suficiente e estava tentando ser o ideal para sua família, um ideal que ela mesma havia criado. Maria estava confusa sobre quem ela era. Questões sobre sexualidade também começaram a surgir, mas, a todo instante, ela tentava ser o que pensava que os outros gostariam que ela fosse.

A Persona estava no controle. Ela tentava ser algo por acreditar que era o ideal. Mas quem ela era de verdade? Nesse momento, Maria começou a usar o teatro para ser a face normalmente proibida ou julgada na realidade: ela quis ser um personagem conhecido como masculino, o Capitão Gancho, que por sua vez também é um vilão. Ela não quis, de nenhum modo, ser doce e sensível; ela não queria facilitar ou ajudar a vida de ninguém em cena; ela queria causar desconforto e problemas; ela queria “dominar o mundo”, como seu próprio texto em “A Reviravolta das Histórias” diz.

Eu já estava observando Maria diferente, tentando a cada dia compreender de que forma eu poderia ajudar nesse momento de sua vida. Foi então que o pedido de socorro veio em forma de carta. Ela era tímida e não queria conversar, também por medo de ser julgada, mas encontrou um meio além de suas escolhas em sala para se expressar melhor. Nessa carta, Maria diz estar com medo “de não ser boa o suficiente” e de decepcionar. Ela estava com uma mistura de emoções e muito confusa; estava cansada de se sentir comparada e pressionada, com medo de não conseguir fazer as pessoas se orgulharem dela e de não se sentir livre dentro de casa. Disse se sentir mal por não enxergar em si mesma a pessoa incrível que muita gente dizia que ela era, inclusive eu.

Era isso! Maria precisava se enxergar capaz. Não adiantaria apenas conversar, coisa que também fizemos bastante. Era preciso ela se sentir potente na prática. Como a gente já estava ensaiando a peça, todos já tinham seus personagens, embora mudanças sempre possam ocorrer, e todos estavam animados para apresentar na escola e no FESTA, tentei buscar atividades que fossem importantes para ambas as situações: para ela e para o grupo:

- A. Caça ao Tesouro: Nesse dia, eu cheguei mais cedo na escola e escondi, antes da entrada deles, várias moedas douradas de chocolate. Eles entraram, conversei com eles, fizemos um aquecimento breve caminhando pelo espaço e falei para cada um ir pensando no próprio personagem: no andar, no jeito de falar, nas falas que já havia decorado e na relação que tinha com os outros personagens. Avisei que havia tesouros espalhados pela sala e coloquei a Capitã Gancho como a líder dos vilões, já que tinha experiência em navegar e caçar tesouros por aí. O objetivo era encontrar várias moedas sem sair do personagem. Não era uma simples busca: eles tinham que falar, interagir e andar como seus personagens. Foi muito interessante ver a animação deles para conquistar o tesouro. Maria estava feliz com a busca, seu assistente confiava nela e as outras vilãs também. Maria conseguiu várias moedas com seu grupo e liderou com sucesso uma caça ao tesouro. Por que ela não poderia conquistar o que quisesse também? Fizemos o jogo mais de uma vez, com tesouros diferentes. Eles sempre me pediam.
- B. Assim como fiz com alguns outros, Maria também ficou responsável pelo grupo nos ensaios em que eles estavam em tempo vago. Sim, é uma adolescente e perdeu a paciência algumas vezes, mas, de um modo geral, era calma e inspirava confiança nos colegas (e em mim também).

Mesmo não estudando mais na escola, Maria sempre me manda mensagens e já foi me visitar algumas vezes. Ela parece estar mais tranquila e sempre lembra com muito carinho tudo o que vivemos. Da última vez que nos vimos, ela disse que queria ensaiar uma peça com alguns dos alunos do grupo, já

que não daria para reunir todos, para seu aniversário de 15 anos. Seria o seu maior presente.

3.1.6. Alice

Alice foi uma das primeiras a entrar na eletiva de teatro. Ela era extremamente tímida, mas sempre foi muito atenciosa e dedicada. Era uma aluna excelente, não apenas no quesito nota, mas também na relação com os professores e a escola.

Nos primeiros dias quando eu falava, ela se assustava, olhava para mim nervosa, como quem se pergunta: “Será que eu consigo fazer isso?!”. Mas, com a prática, o trabalho de construção da confiança e o afeto, além do seu próprio caminho de amadurecimento, ela foi se transformando. Um dia, eu vi que, embora aquela menina doce e tímida ainda estivesse ali, ela havia se tornando uma garota com muita atitude.

O grupo brigou e ela mesma tomou a iniciativa de usar a sala, um lugar seguro, na minha presença, uma pessoa de confiança, para resolver a briga. Eu apenas mediei a situação, falando muito pouco. Naquele momento, eu quis assistir à evolução deles para solucionar problemas. No final da conversa, que durou quase uma hora, eles se abraçaram e estava tudo bem. O mais importante é que a decisão partiu deles, especificamente dela, e eu estava ali apenas para se algo desse errado. Eles não precisavam ouvir a minha voz, eu não precisava dar nenhuma lição, eles precisavam parar e ouvir uns aos outros.

Pensando nessa questão da confiança, em estar lá quando o colega precisar ou se, por um acaso, o colega falhar na vida ou em cena, realizei com eles um exercício muito comum:

- A. Se Joga: em grupos (de cinco ou seis membros), um aluno ficava no centro da roda e os outros ao seu redor, em um círculo quase fechado, sem muitas folgas. O aluno do meio deveria se deixar desmoronar, com o corpo reto, para frente, para trás ou para os lados e os colegas ao redor deveriam proteger quem estava no meio, sem deixá-lo cair. Fiz as primeiras vezes junto com eles, para que eles entendessem que se tratava de um jogo de confiança e muita responsabilidade: o colega poderia se machucar sem a presença deles ali. Também fiquei no centro para que eles sentissem que eu confiava neles.

No final do ano letivo, Alice disse que nunca imaginou que poderia ter uma relação desse tipo com um professor, que eu não era apenas uma professora e sim uma melhor amiga, alguém em quem ela podia confiar (ANEXO 3, p.81-82). Na mesma hora, eu pensei: objetivo concluído com sucesso. Ser amiga dos alunos e ser respeitava por isso nem sempre vai funcionar, mas vale tentar.

Alice se tornou a porta voz do grupo: ela falava ao final das apresentações e estava sempre preocupada em organizar tudo e ajudar a todos.

3.2. Psicóloga???

Não, eu não sou psicóloga. Mas aproveito todas as ferramentas que tenho ao meu alcance para conhecer e trabalhar melhor com meus alunos. E a produção de símbolos é uma dessas ferramentas. O que eles fazem e como eles fazem é o material principal do mapa individual de cada um: O que veio antes? Onde eles querem chegar? Do que estão se protegendo? O que estão tentando esconder ou mostrar? Para os adolescentes que estão ainda se descobrindo, é muito importante acompanhar esse processo evolutivo, de mudanças.

Eu não consigo ser para todos os alunos o que fui para esse grupo especificamente, também tenho minhas limitações e falhas, sentimentos e questões pessoais e profissionais, mas o olhar atento eu tento direcionar para todos eles. Nem sempre encontro brechas para uma leitura mais elaborada, mas a vontade de crescer, descobrir e estudar também nasce da confiança em quem ensina. Não estou aqui para entrar na discussão de porque hoje em dia muitos jovens enxergam a escola como um castigo e o professor como inimigo. É um debate válido, mas que se alongaria para além das ideias dessa pesquisa. No entanto, eu quero mostrar que, quando se conquista a confiança do aluno, quando se tenta entender suas questões, as coisas ficam mais fáceis e leves no ambiente escolar, para ambos os lados.

Observar o processo evolutivo desse grupo e, ao mesmo tempo, entender que eu não sou perfeita e nem sempre acerto: estar exposta a sucessos e desastres me fez enxergar que não existe receita para a educação, mas existem caminhos mais agradáveis de seguir.

Ser professora é estar em eterna construção. Eu me desabo e me ergo todos os dias. Inúmeras vezes, questiono-me sobre minha prática; sobre minha função na escola;

sobre a função da escola; sobre ser artista-docente; sobre tantos porquês que, às vezes, me perco em dúvidas. Mas cada evolução vista; cada gesto afetuoso no lugar da afronta gratuita; cada vez que percebo um aluno acreditando em si mesmo e querendo falar; eu percebo que, apesar das dúvidas, também existem muitas certezas. Boal (1977, p.169) já dizia: "Pode ser que o teatro não seja revolucionário em si mesmo, mas não tenham dúvidas: é um ensaio da revolução!"

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O final que é um início

Durante o final do mestrado – e eu acho que talvez isso aconteça com todo mundo, mas de uma maneira diferente –, eu me senti um pouco perdida e comecei a questionar tudo o que estava escrevendo. Eu comecei a questionar todo meu trabalho como professora, a ter dúvida sobre a minha pesquisa e a pensar que tudo o que eu havia escrito não era de verdade porque muitas coisas começaram a mudar na minha vida dentro da escola.

Outra escola, que estava caindo aos pedaços literalmente, precisou ser fechada para reforma e toda a equipe, todos os alunos e todo mobiliário vieram para dentro da minha escola, ou seja, eram duas escolas dentro de uma só. Com isso, eu perdi a minha sala: perdi o meu espaço e a identidade que eu tinha criado dentro daquele lugar junto com os alunos. Eu não tinha mais um espaço de refúgio e os alunos não tinham mais um lugar diferente onde eles acreditavam, de alguma maneira, que estavam seguros.

Foi nesse momento que eu comecei a me questionar de fato qual era a minha função dentro da escola. O que eu realmente queria fazer e o que eu estava fazendo? Isso foi um problema para mim. Eu parei de estudar; eu não consegui escrever durante algum tempo. Uma crise havia se instaurado.

Durante esse processo, eu enviei um e-mail para minha orientadora e falei para ela que “o sonho acabou”. Ela me respondeu, dentre outras milhões de coisas que conversamos, dizendo que “os sonhos não acabam, eles mudam”. Essa frase ecoou durante algum tempo na minha cabeça e me fez refletir, ainda mais, qual era o meu papel na escola, afinal, o meu trabalho não se resumia a uma sala de aula. O meu trabalho como professora era vivo, circulava os corredores e qualquer espaço dentro ou fora da escola. Obviamente, isso atrapalhava o andamento das aulas, mas isso não destruiria a prática que eu tinha criado com os meus alunos. O que eu ensino? Como eu ensino? Como a troca em sala de aula é realizada? Embora eu tivesse consciência de que meu trabalho perderia muito em qualidade no que diz respeito ao espaço, material utilizado, privacidade, sentimento de confiança dos alunos, criação de identidade etc., eu não poderia deixar que tudo o que venho estudando e construindo fosse destruído com essa perda.

Foi muito duro. Mas foi também a hora de reconhecer que a forma como aprendemos, a forma como registramos as experiências que nos cercam e a forma como ensinamos e realizamos qualquer tipo de coisa são forjadas pela história e pelas relações que criamos. Nunca foi fácil ser professora de escola pública, nunca foi fácil ser pobre, mas o desafio precisa gerar movimento e não estagnação.

Minhas ferramentas de trabalho haviam sido destruídas (bom espaço, figurinos organizados, material a meu alcance a qualquer momento etc.), mas não o meu trabalho. Eu não poderia carregar toda a minha sala comigo de porta em porta para dar aula, mas eu estaria lá e meus alunos também.

As mudanças ainda geraram uma questão para além do espaço perdido: meus colegas, antes motivados e firmes, perderam o ânimo. Muitos foram embora da escola e os que ficaram estavam diferentes. Eu estava diferente. E não era para melhor. Quando eu soube que iria perder a sala ainda não havia alunos na escola, o que foi um alívio. Eu só pensava neles. Pensei, também, nos que foram embora para o Ensino Médio (a maioria que falo nesse trabalho) e fiquei um pouco aliviada: eles não iriam sofrer com o baque.

Durante a escrita da dissertação, muitas coisas aconteceram e todas elas me fizeram repensar meu trabalho e minha pesquisa. Assim, novos caminhos surgiram. Levando-se em consideração o fator surpresa que é a educação pública, não existe conclusão. Eu sigo na caminhada e na luta diária que é ser professora da educação básica no Brasil, desapegando-me de resultados exatos e desfrutando de processos complexos, confusos, desafiadores e, acima de tudo, repletos de respeito e afeto.

Eu estou exausta. Tem dias que eu não consigo comer e a cabeça parece explodir; tem dias que a desvalorização e a falta de respeito consomem; tem dias que sua voz não chega – algumas vezes para além da metáfora, porque o desgaste é físico, a dor é real –; tem dias que você acha que não alcançou ninguém e se cobra mais do que o necessário, mesmo sabendo que não te dão as condições necessárias para a realização de um bom trabalho. Mas tem dias, como quase todos os dias narrados nesse trabalho, que fazem valer a pena.

A esperança

Volto ao início do trabalho: Assim como o *Freedom Theatre*, eu continuo acreditando no poder da arte, na potência e na força para a transformação individual e coletiva. Apesar dos conflitos internos e externos, violência e descaso, apesar da falta de apoio e do pouco valor dado, apesar de todas as adversidades e da guerra tantas vezes para além das palavras, eu tenho um sonho: Que os meus alunos nunca parem de acreditar em si mesmos, que eles tenham sonhos também.

Cada aluno que passou pela minha vida de docente, em especial os protagonistas das experiências narradas nesse trabalho, escreveu junto comigo. Eles contribuíram de modo essencial com a construção (e reconstrução) da professora que eu sou hoje. Cada brilho no olhar, cada gesto, cada fala, cada sonho e todo talento e potencial contido em cada estudante foram o combustível dessa jornada sem fim.

Tirar o aluno do lugar comum, traçar novos caminhos, descobrir novas saídas, jogar com o sério e o lúdico, o real e o imaginário, é também a força que me move e me mantém na educação. Ainda, as dificuldades enfrentadas foram para além do sofrimento e da desilusão, configurando-se como força motriz para a consumação dessa pesquisa.

Muito é falado sobre paz e amor, mas palavra sem ação é em vão. Muito é falado sobre ajudar o próximo, mas conselho sem iniciativa se perde no vento. Muito é falado sobre a responsabilidade do outro, mas esquecemos nossos próprios privilégios. A gente precisa ter resposta para tudo, mas inteligência sem humanidade é arrogância. Muito é falado sobre educação, mas educação sem exemplo não cria memórias. Que esse diário possa ir além das palavras.

Minha esperança é que esse trabalho possa inspirar, sensibilizar ou até mesmo indignar outros profissionais da área que estão na linha de frente como eu. Que possamos encarar as sombras que surgiram com o decorrer da profissão, para que endurecer não seja uma opção – e nem se fragilizar completamente –; que nossa Persona seja plural, mas pautada na responsabilidade afetiva que cerca a nossa profissão, no respeito e na consciência; que possamos administrar nossos Anima e Animus, para entender e agregar sempre mais; e que a nossa individuação seja plena, focada em quem somos como pessoas, mas nunca egoísta: o outro existe no mundo e precisa de nós.

Cada escola é um mundo. Cada plano de aula que eu jogo fora, por milhões de motivos, é um caminho novo que eu sigo. Ainda não sei onde vou parar. Mas... alguém sabe?

Imagens 20 e 21– NÓS FAZEMOS TEATRO, QUAL É O SEU PODER?



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHA, Marcia Neder. *Psicanálise e Educação: laços refeitos*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003.

BERTHOLD, Margot. *História mundial do teatro*. [Tradução Maria Paula V. Zurawski, J. Guinsburg, Sérgio Coelho e Clóvis Garcia]. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1977. 2a ed.

_____. *Arco-íris do desejo. Método Boal de teatro e terapia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BOAL, Augusto. *A Estética do Oprimido. Reflexões errantes sobre o pensamento do ponto de vista estético e não científico*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009a.

_____. *Jogos para atores e não-atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009b.

CAMPOS, Ana Cristina. “Ensino básico tem 73,5% dos alunos em escolas públicas, diz IBGE”, Agência Brasil, Rio de Janeiro, 21 dez. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-12/ensino-basico-tem-735-dos-alunos-em-escolas-publicas-diz-ibge>>. Acesso em: 08 ago. 2018.

COSTA, Cristina. *Questões de Arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico*. 2. ed. reform. São Paulo: Moderna 2004.

COSTA, Rosário. *Teatro e comunidade em Teatro de Guerra: o caso do FreedomTheatre*. In: Práticas artísticas comunitárias. E-book.

DESGRANGES, Flávio. *O efeito estético: finalidade sem fim*. In: Urdimento, 2011.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho

D'Água, 1997.

_____. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GOULART, Iris Barbosa. *Piaget: experiências básicas para utilização pelo professor*. Petrópolis: Vozes, 2013.

GRINBERG, Luiz Paulo: *Jung: O homem criativo*. 2. ed. São Paulo: FTD, 2003.

GROTOWSKI, Jerzy. *Em busca de um teatro pobre*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

HARVEY, David. *Cidades Rebeldes. Do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HALL, Calvin Springer; NORDBY, Vernon. *Introdução à psicologia jungiana*. [Tradução de Heloysa de Lima Dantas]. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1986.

HOLLOWAY, John. *Fissurar o capitalismo*. São Paulo: Publisher, 2013.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2017.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do inconsciente*. O problema dos tipos de atitude (1917). In: Obras completas. Petrópolis: Vozes, 1981a. v. 7.

_____. *O eu e o inconsciente*. Inconsciente Pessoal e Inconsciente Coletivo (1934). In: Obras completas. Petrópolis: Vozes, 1981b. v.7.

_____. The Syzygy: anima and animus. In: JUNG, C. G. *Aion: researches into the phenomenology of the self*. London: Routledge & Kegan Paul, 1981c. (Collected Works by C. G. Jung, 9/II).

_____. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav [et al.]. *O homem e seus símbolos*. [Concepção e organização Carl G. Jung]. [Tradução de Maria Lúcia Pinho]. 2. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. *O Livro Vermelho*, Petropolis: Vozes, 2013.

_____. *Sobre sentimentos e a sombra: sessões de perguntas de Winterthur*. trad. Lorena Richter. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

KEEN, Sam; VALLEY-FOX, Anne. *A Jornada mítica de cada um*. São Paulo: Cultrix, 1991.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478.

_____. *Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício do professor*. Tradução: Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

_____. *Tremores*. Escritos sobre a Experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

_____. *Experiência e alteridade em educação*. Tradução Maria Carmem Silveira Barbosa e Suzana Beatriz Fernandes. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n 2, p. 04-27, jul./dez. 2011.

LARSEN, Stephen. *Imaginação mítica: a busca de significado através da mitologia pessoal*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

MIRANDA, Micaela. *Teatro nos territórios ocupados da Palestina*. Resistencia Cultura: Um teatro de liberdade. In: Arte e Comunidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

NACHMANOVITCH, Stephen. *Ser criativo – o poder da improvisação na vida e na arte*.

São Paulo: Summus, 1993.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. [Tradução para a língua portuguesa sob a direção de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira]. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PHILIPPINI, Angela. *Linguagens, materiais expressivos em arteterapia: uso, indicações e propriedades*. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

SABINO, Simone. *O afeto na prática pedagógica e na formação docente: uma presença silenciosa*. São Paulo: Paulinas, 2012.

SILVEIRA, Nise da. *Jung: vida e obra*. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

SPOLIN, Viola. *Jogos Teatrais na Sala de Aula: um manual para o professor*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____. *Jogos Teatrais – o fichário de Viola Spolin*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2012.

STEIN, Murray. *Jung: o mapa da alma: uma introdução*. trad. Álvaro Cabral. rev. téc. Marcia Tabone. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TEIXEIRA, Ubiratan. *Dicionário de teatro*. 2. ed. rev. e aum. São Luís: Editora Instituto Geia, 2005.

TORRES-GODOY, Pedro H. *Dramaterapia: dramaturgia, teatro, terapia*. Santiago: Cuarto Propio, 2001.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. *Para onde vai o Professor? Resgate do Professor como sujeito de transformação*. 10ª Ed. São Paulo: Libertad, 2003.

ANEXO 1 – Entrevistas com os alunos

Meus amores,

Já estou com saudades, mas espero que vocês aproveitem bastante as férias!

Eu preparei algumas questões e eu gostaria muito que vocês fossem sinceros ao responder. Não vale nota e vocês não são obrigados, mas a opinião de todos vocês é muito importante para mim e vai me ajudar a escrever o livro do qual falei. Gostaria também que dessem respostas completas e honestas. Tudo bem? Não importa a sua resposta, eu não vou ficar chateada mesmo se você me disser que não gosta de fazer teatro e que ano que vem não volta mais para a eletiva. *Tá bom?*

Não esqueçam de desenvolver as respostas, de falar tudo o que vocês pensam e sentem.

1. Você gosta de fazer teatro? Por quê?
2. O que é teatro para você?
3. Como você se sente fazendo teatro?
4. O que acha que mudou em você durante as aulas de teatro?
5. Pensando em todo o tempo que fizemos teatro durante esse ano, do que você mais gostou?
6. Pensando na sua professora de teatro, o que você mais gosta que ela faça? E o que você menos gosta?

Respostas: Alice

1. Eu gosto de fazer teatro pois no teatro eu tenho toda a liberdade *pra* me expressar das melhores formas, fazendo teatro eu perco toda vergonha e é onde eu descobri a melhor parte de mim!
2. *Pra* mim o teatro é uma paixão, o teatro é um lugar onde podemos esquecer tudo o que nos faz mal para podermos pensar e focar em algo que me faz bem!
3. Eu me sinto livre e especial, cada momento em cima e fora do palco mostra que eu posso fazer algo que vale a pena na minha vida e que me dá toda a liberdade de me expressar.
4. Eu mudei muito na questão da timidez porque antes de fazer teatro eu era muito tímida e depois do teatro isso mudou muito, e o teatro também me ajudou muito na minha concentração.

5. Dos momentos que nós tivemos juntos e de cada brincadeira.
6. Eu gosto muito da calma e da paciência que ela tem com a gente e também gosto da alegria dela que nos contagia. Não lembro agora nada que eu não gosto, mas vou pensar e logo respondo!

Respostas: Jheniffer

1. *Nossaaa!!!* Eu amo!!! De verdade!!! Porque eu me sinto tão bem, me sinto livre para me expressar e consigo perder meu medo!
2. *Pra* mim, é uma forma de conseguirmos nos expressar; colocar nossos sentimentos, emoções e ser livre, em uma atuação.
3. Eu me sinto livre!! Nossa, às vezes eu fico nervosa em pensar *q* vou atuar na frente de muitos, mas quando eu subo no palco, todo medo e nervosismo vão embora!!! E isso me faz tão bem...
4. Mudou o meu jeito tímida de ser. Às vezes eu ainda fico nervosa quando vou fazer algo em público. Mas foi na aula de teatro, que eu aprendi que eu não preciso ter medo, apenas devo me divertir e passar a minha alegria *pra* todos!!!
5. *Aaaah* das nossas brincadeiras, dos momentos em passamos juntos; rimos, brincamos, zuamos... também daqueles momentos que vamos atuar e aqueles momentos *q* aprendemos com os nossos erros, brigas...
6. Eu gosto daquele jeito dela de nos ensinar a respeitar a todos, de nos divertir em palco, do jeito dela carinhoso e acolhedor de ser com cada um de nós. Ela realmente nos passa o sentimento de *q* somos uma família!! Eu *n* gosto quando ela tem *q* se separar de nós, pois ela me passa uma segurança INCRÍVEL.

Respostas: Pedro

1. Sim. Porque eu posso ser quem eu quiser, eu posso ser qualquer personagem e se eu conseguir ser ele, eu não vou precisar ser eu mesmo!
2. Uma realidade alternativa onde o limite é a imaginação!
3. Me sinto livre *pra* fazer e dizer o que eu quiser porque eu sei *q* no teatro ninguém vai me tratar com indiferenças.

4. Timidez, eu era muito tímido, eu ainda sou, mas antes do teatro eu era mais, e também depois do teatro eu parei de desistir de coisas muito fácil *pq* sempre que eu quero desistir eu penso "Será que o Chapeleiro iria desistir?" E como prova disso, eu estou fazendo uma *hq* (uma coisa *q* sempre quis fazer), por enquanto eu não desenho, mas já estou fazendo o roteiro!

5. Da liberdade que o teatro me proporcionou, eu podia mexer no roteiro, improvisar, quando eu atuava eu podia colocar boas características (que eu sempre quis ter) no meu personagem.

6. E o que eu mais gosto nela é a sinceridade, porque ela SEMPRE diz a verdade para nós, eu acho até engraçado o nível de sinceridade dela com a gente! Eu não consigo achar nenhum defeito na professora!

Respostas: Maria

1. Muito, porque é a forma que eu encontro de ser mais feliz e de fugir por um tempo dos problemas.

2. Uma forma linda de fazer arte.

3. Feliz e realmente bem.

4. Eu perdi minha vergonha de falar em público e fui mais feliz.

5. De tudo, eu amei tudo!

6. Eu gosto de como ela trata a gente como família, eu *ñ* gosto quando ela *ñ* está com a gente.

Respostas: Kamilly

1. Sim, porque me traz alegria.

2. Teatro *pra* mim é uma troca de energia com o público e um momento que eu saio da minha zona de conforto.

3. Eu me sinto mais livre.

4. Eu era muito tímida.

5. Eu gostei mais da nossa dedicação e unidade entre nós.

6. A Rosa sempre faz a gente acreditar que nós somos capazes de ir mais além

Respostas: Luíza

1. Sim, porque teatro é uma arte que eu tenho prazer de praticar, me deixa mais calma, e também eu amo muito essa arte♥♥
2. Teatro para mim, é uma arte muito muito simples, mas que faz você ter uma sensação muito incrível☐
3. Eu me sinto muito confortável, feliz, é uma mistura de sentimentos que não sei nem descrever☐ ♀
4. Mudou totalmente minha atenção, minha ansiedade e muito mais😊
5. De ter conseguido passar *pra* segunda fase do teatro da 9ª cre♥
6. isso é muito difícil, a minha professora é tão maravilhosa que ela consegue ser perfeita em tudo, não tem como ficar brava com ela, porque ela é tão fofa, carinhosa e muito mais que você imagina, ela é incrível. Eu amooooo muito essa professoraaaa☐

Respostas: Milena

1. Eu amo, porque e me sinto feliz e me sinto importante sinto livre em fazer as minhas palhaçadas
 2. Faz parte da minha vida hoje em dia. Principalmente essa professora
 3. Maluca KKK e querida por todos. Livreee
 4. A minha voz, o meu modo de falar, o meu jeito...
 5. Desses alunos maravilhosos, dessa professora doida, do sapato da professora KKK e principalmente a união.
 6. Quando ela me empresta o sapato, quando ela faz aquele sotaque kk, quando ela fala ponho a minha mão na sua...
- E o que eu não gosto e quando ela viaja e vem de sapato para eu não pega a sandália dela kkk

Respostas da Viviane

1. gosto por que sempre quis fazer mas a vergonha não deixava era um sonho meu
2. a minha vida e quero levar isso a diante porque no teatro posso ser uma pessoa melhor e viver em um mundo melhor

3. me sinto uma pessoa melhor uma pessoa útil
4. a vergonha por que não parece mas eu tenho muita vergonha
5. do dia que depois do ensaio se juntamos e começamos a brincar de espião e na primeira apresentação por que todo mundo estava nervoso, mas tentava não parece só *pra* acalmar os outros
6. eu adoro tudo O que ela faz não tem como disse o que gosto o que não gosto (não estou sendo puxa saco)

Respostas: Lays

1. claro que sim!!! Porque eu me sinto livre dos meus problemas me sinto feliz
2. Eu vejo o teatro como diversões alegrias mas acima de tudo responsabilidade.
3. Me sinto livre como já falei consigo me expressar melhor, sinto uma energia maravilhosa
4. Vergonha por incrível que pareça eu tinha muita vergonha de falar em público agora eu falo até demais ksksksk
5. TUDO cada aula cada apresentação foi uma alegria inexplicável
6. Gente é a professora Rosa né meus anjos essa mulher é perfeita, mas eu gosto muito da paciência que ela tem os cuidados que ela tem com a gente e o amor que ela transmite. Ela é perfeita não erra com a gente msm pelo menos na minha opinião.

Respostas: Gabi Chagas

1. Demais, porque acho que é um ótimo jeito de expressar os meus sentimentos e deixar o que há de ruim *pra* trás
2. Teatro e aprender a aproveitar cada momento, é vida, é entender que você nunca está sozinho que tem um grupo e uma professora te apoiando para o que der e vier.
3. muito feliz e em casa
4. fiquei mais calma, mais feliz e aprendi a trabalhar em equipe e me ajudou nas matérias demais.
5. Não tenho preferência mais o que eu realmente gostei foi da visita do tio "Fini", e das nossas apresentações na Lona Cultural e em Ipanema, e também da festa da professora Rosa

6. O que eu mais gosto e que ela sempre nos dá força para crescer, e nos ajuda muito na hora do nervosismo ao subir ao palco, entre outras coisas que ela faz, tipo nos amar muito e não gosto quando ela se afasta.

Respostas: Daniel

1. gosto porque eu me sinto mais de uma pessoa sabe...Faço diversos personagens e não me importo de ser julgado ou algo do tipo

2. um mundo de Fantasias que carrega uma coisa séria e também divertida

3. eu ME sinto livre *pra* ser quem eu quero e quem eu quiser

4. mudou muita coisa, eu percebi que é possível trabalhar em equipe, que juntos somos mais, e que sozinho eu não conseguiria fazer metade do que eu fiz com eles

5. Das nossas apresentações, de ver o grupo tirando o sorriso do público, de vê-los feliz e gostando do nosso trabalho

6. gostei de tudo, ela sempre foi muito aberta com a gente, sempre nos deu força, nos ensinou o que sabemos sobre teatro e a trabalhar juntos. Ela nunca fez nada em que pudesse dizer "eu não gostei disso".

ANEXO 2 – Depoimentos de Despedida

Pedro

Antes de começar eu só queria falar um bagulho, a minha garganta estava muito ruim no dia da gravação. Então parece que eu estou chorando, mas eu não estou, tá bom? Só *pra* deixar isso claro. Ou de repente nem parece que eu tô chorando e é paranoia da minha cabeça, mas eu só quero deixar claro. Bom, eu tô fazendo essa gravação porque eu não tenho coragem de falar o que eu vou falar agora na frente de todo mundo. Como vocês sabem, eu não sou muito sentimental e também não sou muito bom com discursos, mas eu vou tentar acertar. Bom, professora eu quero que você saiba que eu agradeço todo dia a Deus por ter colocado você na minha vida. Você conseguiu me mudar, você me mostrou que eu sou capaz de fazer o que eu quiser, basta acreditar. Um dos maiores desafios da minha vida foi fazer o Chapeleiro Maluco, eu não acreditava que eu ia conseguir o papel. E no dia que você falou que eu ia conseguir, que eu consegui, eu fiquei em choque, porque o personagem é muito solto, muito empolgado e ligado no 220. Eu pensava que eu não era capaz, mas você me mostrou que eu era. Com essa eletiva de teatro eu mudei completamente e todos que me conhecem desde o início sabem que há uma diferença enorme entre o meu eu de 2017 e o meu eu de 2018. Muito obrigada por tudo. Eu sou o que sou hoje graças a todos vocês. Eu posso estar saindo da escola, mas vocês nunca vão sair do meu coração. É isso. Valeu, família do teatro. Eu lembro que quando eu recebi o meu primeiro roteiro e foi *pra* primeira parte da peça da Alice, eu fiquei com medo e assustado achando que não ia conseguir. Mas, apesar das minhas noites sem dormir de tanta ansiedade, apesar de eu ficar horas e horas tentando gravar o roteiro, aprender as minhas falar, apesar do tempo gigantesco que eu ficava na escola *pra* ensaiar, no dia que eu apresentei a peça, eu vi que tudo isso valeu a pena. Primeiro nós éramos apenas uma turma, uma eletiva de teatro da escola, e depois nós nos tornamos a incrível e maravilhosa família do teatro que a gente é hoje. E vocês sabem como toda família é, né? Nós discutimos, brigamos, fazemos muitas rodinhas da discórdia, mas no final sempre nos entendemos, porque é isso que uma família sempre faz, sempre perdoa os seus e sempre acreditam no potencial do outro. É tão estranho se você parar *pra* pensar o que teria acontecido com você se não tivesse entrado nessa família do teatro. Eu já pensei várias vezes e eu cheguei à conclusão de que eu não seria nem um terço da pessoa que sou hoje. E só *pra* finalizar, eu não mudaria nada do que eu fiz na eletiva de teatro, sério. O que eu fiz faz parte, vocês fazem parte, das melhores

lembranças da minha vida. Como eu disse antes, ou não disse ainda, eu *tô* fazendo esse vídeo porque eu não tenho coragem de falar o que eu *tô* falando agora *pra* vocês, ao vivo, pessoalmente, e agora eu *tô* aqui no meu quarto, pensando como eu vou finalizar esse vídeo, como eu vou resumir em palavras o quão incríveis vocês são, sério. Obrigado.

Maria

O que dizer de Rosa

Mulher sempre tão f***

Ela é braba e me deixa contente

Mesmo depois de um babado bem quente

Rosa de muita alegria

Que me gasta e me faz companhia

Ela é linda e cheia de charme

É rosa cheia de vontade

Vontade de ensinar

Aprender e viver

Crescer e até mesmo fazer

Mas é claro não posso esquecer

De como ela ama comer

Professora igual não existe

Que me anima quando tudo está triste

Me ensinou a ser bem mesmo no mal

Obrigada pelo amor sem igual.

Bom professora, o que dizer de alguém como *vc*, primeiramente... eu te venero! *vc* é tipo assim a pessoa mais f*** de todas, um exemplo de mulher e pessoa, toda perfeita e toda empoderada, *q* não tem medo de ser quem é e *q* desafia todo dia os maiores leões! E as terças... o sexto ano...

Vc é muito importante para mim, sei *q* falo isso bastante, mas é de *vdd*, eu não sei *oq* seria de mim sem *vc* e o teatro... *vcs* me trouxeram alegria quando nada mais me fazia

feliz e era só eu pisar no palco *q* tudo passava e eu conseguia sorrir. graças a *vc* eu pude ver e entender quem eu sou e sem medo! *vc* não é só minha professora, eu tenho a honra de te chamar de amiga e de poder contar com *vc*. saiba *q* com *vc* eu sinto *q* posso contar tudo e ser quem eu sou de *vdd* sem medo (até *pq* *vc* me gosta e me ouve mais *q* as meninas)...

Eu te amo e mesmo indo embora esse ano (se Deus quiser) a senhora vai continuar sempre *cmg* no meu coração

Obrigada por tudo

Eu te venero *d+*

Morro de orgulho de ser sua aluna

Vc merece

Viviane

Professora, sabe eu não sei o que falar, na verdade eu sei, só não sei como começar. Ontem eu estava olhando o meu caderninho, que na verdade estava mais como um diário, eu usava ele quando tinha uns 5 ou 6 anos, e nesse diário aquela menina escreveu que seria uma atriz maravilhosa, e a senhora fez ela realizar esse sonho, se não fosse a senhora eu não teria conseguido. Um dia uma pessoa disse para eu desistir, porque não iria dar certo, mas a senhora me mostrou que é mentira, a senhora ensinou a sonhar e me motivou a acreditar neles. Sabe não preciso dizer em todos os momentos que te amo, porque sei que a senhora sabe disso. Quando eu tinha desistido de tudo e largado de mão os meus sonhos, a senhora me impediu de continuar fazendo isso. Lembro até hoje do dia que eu já não estava mais acreditando que poderia melhorar e que aquela dor e angústia nunca iriam passar e a senhora me abraçou e secou minha lágrimas e me disse não, que eu não poderia desistir em hipótese alguma, a senhora me fez acreditar em mim, quando eu tinha certeza que mais ninguém acreditava. Eu só tenho a agradecer por tudo o que a senhora fez e pelo que a senhora faz por mim, não só por mim, mas por todos nós. A senhora é minha fada madrinha, eu te amo muito.

Lays

Bom, o que falar da professora Rosa? Ai, gente, só de pensar que o ano *tá* acabando... Eu no começo do ano pensei “vai passando, vai ser bem devagar, vou poder aproveitar bastante coisa”, mas o ano passou assim *ó* (estala os dedos) e eu nem vi. E aqui já estamos no final do ano fazendo uma homenagem para a professora Rosa. É um pouco

triste, um pouco? É um “poucão”. Mas eu acho que a gente concluiu aqui uma etapa bem linda que eu vou guardar *pra* minha vida, porque, gente, a professora Rosa é maravilhosa. Tipo, o poder que ela tem com o trabalho dela é maravilhoso, eu posso dizer com convicção que tudo o que ela faz é com muito amor, muito carinho, pensando no bem dos seus alunos e isso é maravilhoso. Eu não quero discriminar nenhum outro professor, mas você não vê uma pessoa tão dedicada quanto ela. E eu posso dizer que sim, a professora Rosa é dedicada, ela faz as coisas pensando no bem das outras e isso é raro de se encontrar, mas a gente teve o prazer de ter encontrado e agora a gente vai seguir, né? A gente vai sair, mas a gente vai poder visitar ela várias vezes, acho que toda semana eu vou estar no Mayra [nome da Escola], uma coisa básica e eu queria agradecer a ela por tudo. Ela marcou a minha vida de um jeito que vocês nem imaginam. Eu só tenho que agradecer por tudo mesmo.

Alice

Oi, gente, tudo bem? Perdoem minha cara de choro, porque eu já estou na quarta vez tentando gravar esse vídeo sem chorar, mas é quase inevitável. Então, eu quero falar um pouco de quem é a Rosa *pra* mim. Eu nunca, nunca na minha vida, imaginei que fosse ter um relacionamento tão bom com uma professora. Ao ponto de quando eu *tô* conversando com ela, não parece que eu *tô* conversando com uma professora, parece mais uma amiga, *tá ligado? Sei lá, tipo assim*, você faz eu me sentir segura *pra* te contar tudo o que acontece na minha vida. Quando a gente *tá* contigo parece que os nossos problemas somem, sabe? Eu sei que a gente vive indo aí na sua sala encher seu saco, falar todos os nossos problemas e você é a pessoa que mais ajuda a gente, você *tá* do nosso lado o tempo todo, apoia a gente e *tá* sempre tentando mostrar *pra* gente quando a gente faz algo errado, sabe? Além de ter me feito descobrir uma coisa em mim que eu nunca teria descoberto, sabe? Eu já tinha feito teatro outras vezes, mas eu não tinha sentido essa paixão que eu sinto hoje. Eu caí de paraquedas na sua eletiva em 2017, eu ainda era tímida, eu não falava nada, você fazia perguntas e eu ficava quieta e olha no que você transformou todos nós hoje. Como o Pedro falou no vídeo dele ou vai falar na verdade, o vídeo dele vem depois do meu, você transformou todos nós. Se você comparar todo mundo que *tá* aqui com as pessoas que éramos em 2017, a gente vê uma evolução incrível, você fez a gente enxergar o melhor em nós mesmos, você mostra *pra* gente tudo o que vale a pena sonhar e que vale a pena correr atrás do que a gente ama e me dói muito saber que ano que vem eu não vou estar do teu lado todo dia, sabe? Saber

que eu não vou chegar na escola e quando você chegar eu vou correndo te abraçar e várias vezes quase te derrubar e vai me doer muito saber que eu não vou ter uma professora *pra* perturbar todo dia, em todo tempo vago, saber que você não tá ali é o que mais vai acabar comigo. Você faz a gente te amar cada dia mais e eu nem sei como, quando a gente acha que tipo assim cheguei no limite, a Rosa já é perfeita e eu sei disso, você se mostra cada vez melhor, você se mostra cada vez mais amiga, mais protetora e tudo o que tem de bom. Eu só quero te dizer o quando você é especial *pra* mim e o quanto eu te amo e o quanto o teu nome vai tá sempre gravado no meu coração como a pessoa incrível que você é, e que vai deixar *pra* sempre a marca em mim por tudo o que fez na minha vida. Eu te amo muito e eu sei que todos nós aqui do teatro temos esse sentimento por você. Te amo demais, demais, demais.

ANEXO 3 - Roteiro baseado em “Alice no País das Maravilhas”

Um Trio no País das Maravilhas

(Adaptação da obra Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll)

Coelho 1: Oh meu deus, é tarde! É tarde! É tarde é muito tarde!

Coelho 2: estou atrasada! Estou atrasada!

Coelho 1: A senhora coelha ficará furiosa se eu a tiver feito esperar...

Coelho 2: Oh! Está tão tarde! O senhor coelho ficará furioso se eu o tiver feito esperar!

Alice: hey! Uma informação!

Coelho 1: é tarde.

Coelho 2: é muito tarde!

Alice 2: por favor!

Os 3: estamos perdidos

Coelhos: tem uma porta ali (apontam para direções diferentes e percebem a presença do outro) Oh! Você chegou!

Coelho 1: Vamos! É tarde!

Porta: Oi! O que você procura?

Alice: Dois coelhos brancos! Você o viu?

Porta: Bem, aqui nada é impossível. Mas precisamos de uma dose de magia.

Os três: Mágica?

Porta: É mágica! Mágica! Repita comigo: Tiquiti bum zapiti zim

Os três: Tiquiti bum zapiti zim

Alan: E agora?

Porta: Agora o que?

Alice 2: Como abrimos a porta?

Porta: Ah sim! A porta! É só pedir!

Alice: Abra!

Porta: Com um pouco mais e gentileza, menina!

Alan: Por favor, porta mais maravilhosa, linda, deusa das portas...

Porta: Com um pouco menos de falsidade!

Alice 2: Abra, por favor, dona porta!

Porta: Agora sim!

Alan: Isso! Vamos!

Gato: devagarinho! Devagar! Por que tanta pressa?

Gato 2: Veja! São humanos! (Ambos se assustam e tocam as Alices)

Gato: Posso ficar pra mim?

Gato 2: Podemos dar comida e banho!

Alícia: Oi, ainda estamos aqui!

Gato: E falam! Vamos levá-los ao chapeleiro!

Gato 2: isso! O chapeleiro!

Alice: Calma aí! Podem nos dizer que caminho devemos pegar para sair daqui?

Gato 2: Ahhh mas isso depende muito!

Alan: Depende de que?

Gato: De para onde você quer ir.

Alice: Já não sabemos mais. Não importa muito mais.

Alícia: Estamos perdidos.

Gato: Bom, nesse caso, não importa o caminho que vi tomar.

Alan: Eu só queria chegar em algum lugar.

Gato 2: Ahhhh isso certamente você vai conseguir, desde que ande bastante.

Alan: Que espécie de gente vive por aqui?

Alícia: É. Já vimos um coelho, uma porta, gatos...

Alice, Alícia e Alan: E todos falam!

Gato: Não entendi o espanto! Bem, naquela direção vive um Chapeleiro. Naquela outra uma lebre. Por ali temos uma lagarta.

Gato 2: Visite quem quiser! Todos são loucos!

Alice: Não queremos nos meter com gente louca!

Gato 2: Ora! Mas isso é inevitável! Somos todos loucos aqui. Eu sou louca, você é louca, ele é louco...

Alice, Alícia e Alan: Não somos não!

Gato: Se não fossem, não estariam aqui! Vão ver o Chapeleiro! O maluquinho pode ajudar!

Gato 2: É por ali!

Gatos 1 e 2: Sumiiiiiiir!

Alice: Que bonecos engraçados!

Gêmeo 1: Não sou um boneco!

Gêmeo 1: E não pode ir já!

Gêmeos 1 e 2: Que brincar de esconder?

Gêmeo 1: Não sei se são eles!

Gêmeo 2: São sim. Confie em mim!

Gêmeo 1: Mas e se não forem quem você disse que seriam?

Alícia: Desculpe, o que?

Gêmeos 1 e 2: O que o que?

Alan: Temos que ir!

Gêmeo 1: Ir?

Gêmeo 2: Pra onde?

Gêmeos 1 e 2: xiiiiuuuu! (Fazendo sinal de silêncio) A Rainha vem aí!

Rainha Branca: Parem com isso! Olá Alice, Alícia, Alan! Opa! É um trava língua.

(Falando rápido) Alice, Alícia, Alan! Alice, Alícia, Alan!

Alícia: Como sabe o nosso nome?

Rainha Branca: Como? Você são... (Escuta-se de longe as Rainhas Más gritando)

Gêmeos 1 e 2: Senhora! As rainhas más! De novo!

Rainha Branca: Tenho que ir. Nos vemos depois. Divirtam-se no chá.

Alice, Alícia e Alan: Chá?

Alice: Que chá?

Rainha Branca: Tchauzinho!

(Cantam feliz desaniversário!)

Chapeleiro: ela é Alice.

Lebre: ele é Allan.

Chapeleiro: ela é Alícia.

Os dois: não pode ser.

Chapeleiro: não é.

Lebre: é sim.

Chapeleiro: não pode ser.

Lebre: já não sei mais.

Chapeleiro: tenho certeza! Eu os reconheceria em qualquer lugar!

Lebre: Sentem aqui. Puxem uma cadeira.

Chapeleiro: Vamos ao chá!

Alice: Vocês passam o dia inteiro aqui bebendo chá?

Lebre: Você gostou?

Alice: Bem, eu acho que vocês poderiam fazer alguma coisa melhor com o tempo.

Chapeleiro: Tempo, tempo, tempo, tempo, tempo, tempo.... Vocês não conhecem o tempo tão bem quanto eu.

Alan: Não entendi o que quer dizer.

Chapeleiro: Claro que não. Aposto que nunca falou com ele.

Alícia: Ele?

Chapeleiro: O tempo! Aliás esperamos vocês um tempão!

Lebre: Mas vocês se dariam muito bem!

Alice: Vocês quem?

Lebre: Vocês e o tempo!

Chapeleiro: O tempo costuma ser justo todos os dias. Ou quase isso. Há tempo para tudo. Até para fazer escolhas erradas.

Alícia: E certas também.

Chapeleiro: É, bem, também tem as certas. (Para a Lebre) Falei quem eram eles!

Lebre: Aceitam um pouco de refrigerante?

Alan: Sim, por favor.

Lebre: Não temos! Mas talvez uma fatia de bolo!

Alice: Seria ótimo!

Chapeleiro: Já acabou.

Alícia: O que vocês têm afinal:

Chapeleiro e Lebre: Chá!!!

Alan: Imaginei.

Chapeleiro: Rapazinho, o tempo para ironias acabou!

Lebre: Temos tanto para conversar! Vamos ao chá!

Chapeleiro: Sempre temos tempo para o chá!

Alice: Por quê todos estão dizendo que nos conhecem?

Chapeleiro: Estávamos esperando vocês para começar a matança!

Alice, Alan e Alícia: (assustados) O que?

Lebre: Acho que matança não é uma boa palavra.

Chapeleiro: Carnificina!

Lebre: Acho que não...

Chapeleiro: Fuzilamento!

Lebre: Ainda não...

Chapeleiro: Já sei! Massacre!

Alícia: O que há com vocês?

Alice: Do que vocês estão falando?

Chapeleiro: Ora! Do Dia Fabuloso!

Alan: E o que tem nesse dia?

Chapeleiro: Vocês vão mudar o mundo!

(Escutam o barulho do exército da Rainha Má e se escondem)

Soldado 1: Marchem!

Soldado 2: Sim, senhor! Um, dois, um, dois...

Soldado 3: Silêncio no reino! As Rainhas Más vão falar!

Rei: Com vocês a incrível e soberana Rainha... (é interrompido)

Rainha Má 1: Que cheiro é esse?

Assistente: É... esse cheiro.

Assiste 2: Não sinto nada!

Rainha Má 1: Silêncio!

Rainha Má 2: Sinto a presença de estranhos!

Rainha Má 1: Intrusos!

Assistente 1: Quem?

Rainha Má 1: Muito esquisito!

Rainha Má 2: Estranhamente estranho!

Assistente 2: Continuo sem sentir nada!

Rainha Má 2: Metidos! Bisbilhoteiros!

Rainha Má 1: Intrometidos:

(As duas Rainhas gritam)

Assistente: Lá vem! (tapando os ouvidos) Ai!

Rainhas 1 e 2: Guardas! Achem os Estranhos e cortem as cabeças!

Rei: Já chega! Toda hora é isso!

Assistente: Finalmente o rei vai falar!

Rei: Corte a cabeça de um, arranque a cabeça de outro, retire a cabeça de mais um...

Rainha Má 1: Guardas!

Soldado 1: Sim, senhora!

Rainha Má 1: Cortem a cabeça do rei!

Soldado 2: Mas senhora...

Rainha Má 2: Vai discutir com a sua rainha?

Soldados: Não, senhora! (Pegam o rei...)

Rei: Isto está arbitrariamente arbitrário. É um erro extremamente errado.

Rainha Má 1: Ai que maldade!

Rainha Má 2: Ai que crueldade!

Assistente: Ai que bobagem!

Rainha Má 1: O que disse?

Assistente: (Falando para o nada) É, o que você disse?

Rainha Branca: Já chega!

(O Chapeleiro, Lebre e Alices começam a aparecer)

Rainha Má 1: Os intrusos! Eu falei que tinha sentido!

Rainha Má 2: Guardas! Peguem eles! Cortem as cabe...

Rainha Branca: Já chega! Ninguém mais vai perder a cabeça aqui! Alice, Alan e Alícia finalmente chegaram.

Alice, Alan e Alícia: É... oi.

Rainha Má 1: Me larga que eu vou pegar!

Rainha Má 2: Se me soltar eu arrebento!

Rainha Branca: Faremos uma disputa justa. Uma corda, por favor?

Alice: Isso está ficando muito esquisito.

Alan: Eu quero ir embora daqui.

Chapeleiro: Cabo de guerra! Muito bem pensado minha rainha!

Rainha Má 1: Nós somos as rainhas aqui!

Lebre: Não sei por quanto tempo!

Rainha Branca: Escolham seus times! A batalha vai começar!

(Entram os coelhos)

Coelho 1: Oh meu deus, é tarde! É tarde! É muito tarde!

Coelho 2: Estamos atrasados!

Rainha Branca: Calma, encontrem um lugar pra ficar! A guerra vai começar!

(Música. Todos cantam, cada grupo com a sua coreografia: Guerra é guerra, guerreou, a batalha começou, bateu, levou!)

Grupo 1 (Rainha Má): Uma coisa que me deixa feliz é o bullying.

(Todos vão)

A segunda coisa que me deixa feliz é a desigualdade social.

(Todos vão)

Também ficamos muito felizes quando as pessoas não colaboram com o planeta.

(Vaias cada vez mais fortes)

O que me deixa mais feliz ainda é o tumulto do aniversário Guanabara!

(A cada fala das rainhas o Grupo 1, com o assistentes, rei e soldados, vai desistindo e mudando de lado, para o Grupo 2)

Grupo 2 (Alices): Uma coisa que me deixa feliz é a amizade verdadeira!

(Aplausos)

Uma coisa que me deixa feliz é quando as pessoas respeitam as diferenças das outras.

(Aplausos cada vez mais fortes)

Uma coisa que me deixa feliz é ver a felicidade das outras pessoas.

(O Grupo 2 agora só tem as duas Rainhas Más)

Alan: Vamos ao cabo de guerra!

Todos contam: 1, 2, 3 e já! (As Rainhas caem no chão)

Rainhas: Não comemorem ainda, nós vamos voltar! (risada do mal)

(Muda o cenário. Eles estão dormindo mais uma vez.)

Irmã da Alice: Finalmente terminamos essa história... Alice! Você dormiu!

Alice: Eu tive um sonho muito maluco.

Alan: Foi tão real!

Alícia: Você acha que eu estou ficando louca?

Irmã: Claro que sim!

Alices: O que?

Irmã: Louca, louquinha, mas deixa eu te contar um segredo: as melhores pessoas são!

ANEXO 4 – Entrevista com os personagens

Valente (Jennifer): Vem do País da Justiça, luta pelo seu povo, corajosa, quando estava usando o arco e flecha parou em outro lugar, procura o alvo para sair

Mortícia (Amanda): Não sabe onde está, "Faz tudo o que a mamãe te ensinou: nada", ratos

Vandinha (Lays): Podre e fedido (sobre o irmão), torturar o irmão, ter uma paixão

Pumba (Caio): Soltar gases quando fica nervoso, gosta de comer

Timão (Millena): Dançar e cantar, conheceu o Pumba após ele soltar um pum,

Governanta da Família Adams (Vitória): "Oi, jovem", não escutar direito, tinha amigos quando era mais jovem

Alladin (Rômulo): "Tava na correria", Alladin da quebrada

Sininho (Alice): Pó mágico, gosta do Peter, morava junto com as fadas, acha a Vandinha uma nojenta

Meninas (Andressa, Marya Eduarda, Ana e Rayssa): Horrorosamente feliz, querem criar a própria história, "A gente só destrói" (Ana)

Peter Pan (Pedro): A Sininho é legal, ter um amor no futuro, estava pescando quando veio parar aqui, gosta de gerar tretas, "Me sinto a última coca-cola do deserto"

Wendy (Luíza): A Sininho fez o Peter Pan se virar contra ela, corajosa

Capitã Gancho: Quero acabar com eles, dominar o mundo das histórias, aliança com outras vilãs

Princesas (Isabella, Kamilly e Ana Clara): Branca de Neve quer sair de lá pelo espelho, Jasmine estava voando em seu tapete mágico quando foi parar ali, "Somos (princesas) diferentes"

Gênio (Davi): Ele acha que (a confusão) foi culpa sua, gosta de festa, é um gênio sem poderes

Rainha Má (Viviane): Quer continuar lá porque está no poder, "Nada ofusca meu brilho"

ANEXO 5 – Roteiro “A Reviravolta das Histórias”

A REVIRAVOLTA DAS HISTÓRIAS

CENA 1

Garota 1: (Abrindo a mochila) Gente, vem cá ver o que eu achei na minha casa!

Garota 2: O que? Mostra logo!

Garota 3: Odeio esse suspense!

Garota 1: Olha só!!!!

Garota 4: O que é isso?

Garota 3: Livros, sua tonta!

Garota 4: Tá, mas o que tem demais nisso?

Garota 2: Vamos ler e descobrir!

(Cada uma pega um livro)

Garota 1: Tudo tão chato! Família Adams, que gente esquisita!

Garota 3: Já sei! Vamos destruir essas histórias bobas!

Garota 4: É! Que coisa mais infantil!

(Elas destroem os livros e trocam páginas de lugar)

Garota 1: Quem fala com um espelho mágico?

Garota 2: Quem é uma Fera e depois vira gente? E quem voa em um tapete mágico?

Garota 3: Hakuna Matata, como assim alguém canta uma música desse tipo?

Garota 4: Olha só isso aqui! Peter Pan! Quem viaja para um mundo de fantasias?

Garota 2: Muito melhor mexer no celular!

Garota 4: Isso! Vamos jogar!

(As 4 garotas sentam na frente do palco. Música da Família Adams. Todos entram em cena)

CENA 2

(Vandinha no meio do Palco. Entram Gomes e Mortícia)

Gomes e Mortícia: Vandinha! Oh! Amor! Que bom que nos encontramos!

Gomes: Vandinha, cadê o seu irmão?

Vandinha: Vocês é que deviam saber! Vocês são os pais daquela coisa!

Mortícia: Ai, querida! Sempre tão doce!

Gomes: Mas você é a mais velha, Vandinha!

Vandinha: Eu não tô nem aí!

Gomes: Amor, agora que eu vi. Sinto uma pontada em meu peito. Você está deslumbrante hoje!

Mortícia: Eu sinto o sussurro da morte quando você fala, meu bem!

Vandinha: Ah não! Vamos para com isso! A gente não tem tempo!

Gomes: Você é a flor murcha do meu jardim!

Mortícia: Você é a laranja podre da minha fruteira!

Vandinha: Hello! A gente não sabe onde a gente tá!

Gomes: Sim, calma! Primeiramente vamos procurar o seu irmão!

Mortícia: Já sei o que vamos fazer!

Gomes: Hummmm Todos os que encontrarmos

Vandinha: Vamos mata-los...

Os 3: De cosquinhas... (Risada estranha)

(Os 3 começam a chamar pelo Feioso)

(entra a Vovó Adams rindo)

Vovó: eu acabei de ver um porco e um outro bicho muito engraçado cantando...

Vandinha: Ela está delirando de novo...

Gomes: Tenha mais respeito pela sua avó.

Vovó: (para Vandinha) Vou fritar os seus miolos no jantar.

Mortícia: Tenha mais respeito pela sua neta.

(Escutam uma música ao longe)

CENA 3

(Entram Timão e Pumba cantando Hakuna Matata)

Vandinha: É o porco!

Timão: ihhhhh olha lá, Pumba!

Pumba: Pra você é senhor porco!

Timão: Não, Pumba. Olha lá!

Pumba: Não tô te entendendo, Timão.

Timão: Deve ser a família daquela coisinha que a gente achou. São todos tão parecidos...

Gomes: Vocês acharam a nossa coisinha?

Mortícia: Querido, não fale assim do Feioso.

Vandinha: Onde é que tá o desgraçados remelento?

Gomes: Minha filha! É insuportavelmente maravilhoso quando você se preocupa com seu irmão.

Mortícia: Fabuloso.

Vovó: Vamos, digam logo onde está aquele fedido!

Timão: Ahhh sim! Onde é que ele está mesmo Pumba?

Vandinha: Você o comeu?

Gomes: Ele era saboroso?

Pumba: Eu não como porcarias. O garoto ficou com umas princesas que encontramos pelo caminho.

Timão: Agora temos que achar a saída desse lugar aqui! Tá uma confusão!

Pumba: É sim, vamos seguir o nosso rumo. Anda, Timão.

Gomes: Vamos com vocês! Cinco cabeças pensam melhor do que três.

Pumba: Mas nós somos seis.

Gomes: Eu não contei com Vovó, ela já não bate muito bem.

Vovó: Eu ouvi isso. E garanto que penso melhor que todos vocês juntos.

Mortícia: Vamos embora logo!

CENA 4

(Entram Aladdin e o Gênio cantando)

Aladdin: Um mundo ideal! Faz a batida aí, vacilão! Não era bem esse que eu imaginei!

Gênio: Estou num mundo novo com você!

Aladdin: Novo, novo, novo...

Gênio: Um linda visão... e o que?

Aladdin: Desse mundo tão lindo...

Gênio: Vou cantando e.... cara, não lembro mais da letra!

Aladdin: Tô cansadão de andar, maluco. Só gente esquisita. Mô sequelada aquela mulher com um gancho na mão.

(Entram Peter Pan e Sininho)

Gênio: Cara, meu irmão, olha isso! Tá vendo o mesmo que eu tô vendo?

Aladdin: O que? Esses dois aqui?

Gênio: Ela é uma fada!

Aladdin: E você tá espantado com o que? Você é um gênio que saiu de dentro de uma lâmpada mágica!

Peter: Vocês sabem que a gente tá ouvindo, né?

Sininho: Nunca entendo essa surpresa comigo! Mas vocês sabem onde é a saída?

Peter: Eu acredito! Eu acredito! Bons pensamentos podem fazer a gente voar!

Aladdin: No momento eu só consigo voar com o meu tapete, ou de avião, mas não tenho nenhum dos dois agora.

Sininho: Vamos, Peter! É inútil conversar com eles agora! Precisamos voltar para a Terra do Nunca!

(Escutam uma voz do lado de fora da cena. Capitã Gancho: Ahhh! Vamos nos unir para destruir o mundo!)

Peter: Eu conheço essa voz! Se escondam!

(Entram as vilãs)

CENA 5

Capitã Gancho: Nunca pensei que ia te encontrar nessas condições tão favoráveis!

Rainha Má: Muito menos eu!

Capitã Gancho: Eu achei tudo isso muito bom! Com essa confusão de histórias nós podemos fazer o que quiser! Estamos no poder!

Úrsula: Dominar o mundo combina perfeitamente com o meu vestido!

Rainha Má: Não podemos perder essa oportunidade!

Úrsula: Olhe para mim, querida! Eu pareço alguém que perde oportunidades?

Capitã Gancho: Nós, as melhores das piores, vamos dominar tudo! Onde está meu assistente com nossa refém?

(Entra o assistente com a Wendy)

Assistente: Cheguei! Cheguei! Ela não queria andar. Muito teimosa.

Rainha Má: Você não tem que pedir que ela ande, docinho. Você tem que ordenar!

Peter: Wendy!

Sininho: Wendy!

Capitã Gancho: Olá, Peter! Feliz em me ver?

Assistente: Olá, Peter. Feliz em nos ver. Oi fada! (A capitã pede que ele se cale)

Peter: Me parece que essa pergunta não precisa de uma resposta, Capitã.

Sininho: Me parece que estamos em maior quantidade!

Capitã Gancho: Me parece que agora eu também estou em excelente companhia.

Assistente: É. Excelente companhia!

Rainha Má e Úrsula: Ela está falando de nós, criatura!

Wendy: (Chuta o assistente e corre) Agora eu também não estou mais sozinha!

Peter: Parece que o jogo virou, não é mesmo?

Úrsula: Quem é esse garoto rabugento?

Capitã Gancho: É uma pedra no meu sapato.

Peter: Uma pedra que ainda vai te causar muitos calos, ó poderosa Capitã!

Wendy: Ainda bem que vocês estão aqui! Elas estão bolando um plano para dominar o mundo das histórias para sempre.

Sininho: Se é guerra que vocês querem, é guerra que vocês vão ter!

Gênio: Caraca, maluco, sinistra essa fada!

Aladdin: Te pego lá fora!

Peter: Não tem lá fora, a gente não sabe sair!

Aladdin: Ah é! Então ... é... acabo contigo!

Rainha Má: Então vocês querem brincar?

Úrsula: Eu adoro esse tipo de brincadeira!

Capitã Gancho: Isso pode ser divertido! Façam suas apostas! Nos encontramos ao pôr do sol, aqui!

CENA 6

Valente: Ouvi dizer que está essa confusão porque rasgaram os livros com nossas histórias.

Bela: O que faremos? O que será de nós?

Branca de Neve: Onde estão nossos príncipes?

(Elas se olham e começam a rir)

Branca de neve: Tô brincando!

Jasmine: O Aladdin vai pirar quando souber o que tá acontecendo!

Valente: Precisamos pensar em uma saída!

Bela: Juntas!

Jasmine: Juntas!

Valente: Isso! Juntas! Branca?

Branca de Neve: (Apontando para as garotas que rasgaram os livros) Esse pessoal, com essa coisa na mão, estava aqui o tempo todo?

Bela: Nossaaaaaa! Eles podem nos ajudar!

Valente: (Para a Garota 1) Olá! Olá!

Garota 1: (Depois de um grito) O que tá acontecendo? Vocês é a Valente do Livro! E você é a...

Bela: Bela, prazer!

Branca de Neve: Oi!

Jasmine: Princesa...

Garota 1: Eu sei quem você é, Princesa Jasmine. O que está acontecendo? Gente, larga esse telefone.

Garota 2: Espera, eu tô quase passando de fase.

Garota 1: Gente, gente...

Garota 4: Ai que saco, garota! Espera, tô falando com a Mari no zap...

Garota 3: Muito maneira essa postagem aqui no Insta... (Olha para trás e se assusta) O que é isso?

(Todas olham!)

Valente: Vocês sabem como a gente veio parar aqui?

Garota 4: Ai não, eu acho que nós fizemos isso!

(Entram as vilãs de um lado e Peter Pan e todo o resto do outro. Apenas a Branca vê)

Branca de Neve: Pessoal, pessoal... Acho que temos um pequeninho aqui.

CENA 7

Capitã Gancho: Prontos para a última batalha da vida de vocês?

Timão: Pumba, isso tem cheiro de treta.

Pumba: Eu estou sentindo cheiro de outra coisa. Viscosa e saborosa...

Rainha Má: Me sinto cruel e poderosa!

Úrsula: Olha que fofo, eles agora possuem princesinhas para ajudar?

Branca: Ela me chamou de princesinha?

Valente: Alguém me segura ou eu acabo com a festa dela!

Jasmine: Mano, eu vou te arrebentar!

Alladin: Jasmine? Mano do céu, é você?

Jasmine: Caraaaaa, não acredito! Maior loucura isso aqui!

Peter Pan: e se tudo isso não passar de um sonho?!

(Vandinha belisca Peter. Ele grita)

Vandinha: Viu? Não é um sonho.

Peter Pan: é sim, você é o meu sonho.

(Princesas suspiram falsamente)

Princesas: Queeeee cafona!

Sininho: Me segura ou eu vou jogar meu pó mágico nessa garota.

Jasmine: Ih! De ruim!

(Princesas cantam “Tô zen”)

Wendy: Baixa a bola, Sininho! A gente tem que sair daqui.

Valente: Opa! Espera aí! Você tinha uma pó mágico esse tempo todo e não falou nada?

Bela: Vamos usá-lo para sair daqui.

Branca: Gênia!

Sininho: Claro, tá bem aqui. (Procurando) ué, cadê?

(Pumba faz um barulho comendo alguma coisa)

Timão: Pumba, o que é isso?

Pumba: era um tempero delicioso. Não tá bravo porque não deixei pra você, né?

Sininho: Meu pó mágico!

Timão: Você comeu a nossa única chance!

Pumba: Não tenho culpa se era uma chance muito saborosa.

Capitã Gancho: Sem desculpas! Assistente?

Assistente: Chamou? Chamou, querida Capitã?

Capitã Gancho: Minhas armas?

Garota 1: Ai, eu não quero morrer!

Rainha Má: Preparem-se para o sofrimento!

Mortícia: Querido!

Gomes: Diga razão de minha morte!

Mortícia: Finalmente não estamos rodeado apenas de gente esquisita.

Vandinha: Esse cheiro de maldade faz eu me sentir em casa.

Peter: Tão corajosa...

Sininho: Tão sem noção.

Timão: Não tô entendendo mais nada.

Pumba: Sorria e acene.

Úrsula: Acabou a brincadeira! Vocês vão pagar por tudo agora!

Wendy: Mas eu sou uma criança! Eu não devo nada a ninguém!

Rainha Má: Espelho mágico, pronto para o confronto final?

Valente: Espelho mágico! Ela tem um espelho mágico!

Gênio: Cara, isso aqui tá muito louco!

Bela: Peguem o espelho, é nossa única chance!

(Todos correm atrás da Rainha Má. Eles derrubam o espelho no chão. Ele quebra)

Todos: Ohhhhh!

Jasmine: Meu, isso foi muito louco!

Aladdin: Maior doidera!

Gênio: Me amarro!

Bela: Como vamos sair daqui?

Bela: Esse lugar aqui é u ó! Não quero ficar aqui pra sempre!

Valente: Eu tenho que voltar e proteger o meu povo!

Garota 2: Eu tenho uma ideia.

Garota 3: É que nós meio que somos a culpada disso tudo acontecer...

Capita Gancho: Como é que é? Vocês querem consertar? Mas essa confusão é perfeita!

Assistente: Perfeita!

Todos: Cala a boca!

Garota 1: Nós desrespeitamos a história de cada um de vocês.

Garota 2: Mas estamos arrependidas!

Garota 4: E tudo isso é tão empolgante! Eu agora quero ler todos os livros e consertar todas as histórias.

Capitã Gancho, Úrsula e Rainha Má: Nós não vamos permitir!

(Pumba Corre e dá uma cabeçadas na Capitã e na Rainha Má. Elas desmaiam. Úrsula tenta sair de fininho)

Timão: Duas de uma vez? Tá ficando feroz o meu menino!

Pumba: Eu só te dou orgulho.

Sininho: E o que vamos fazer com aquela ali?

Princesas: Eu pego! (As princesas pegam ela)

Úrsula: Isso não vai ficar assim!

Wendy: Nem da sua história nós somos, Úrsula! E agora todos nós vamos voltar pra casa.

Úrsula: Aiii estou cansada da água!

Peter: Esperem! Vandinha... eu não estou pronto para voltar!

Vandinha: O amor machuca como uma máquina de triturar ossos! Adeus, Peter!

Peter: Nunca diga "adeus", porque dizer "adeus" significa ir embora e ir embora significa esquecer.

Sininho: Sério isso? Vamos logo! Para os seus lugares!

Vandinha: Cadê o Feioso?

Gomes: Oh não! Alguém viu o nosso filhotinho?

Mortícia: Cadê nosso pequeno animalzinho?

Garota 2: Ih! Eu acabei de colar a página dele. Ele já deve ter voltado!

Garota 3: Para os seus lugares!

(As garotas consertam os livros. Fecham os livros na mesma hora e todos os eles somem do palco antes delas verem)

Garota 1: Como a gente podia achar que ficar só no telefone podia ser melhor que embarcar nessas histórias?

Garota 2: Tenho uma ideia!

Garota 3: Tenho um pouco de medo das nossas ideias!

Garota 4: Eu também!

Garota 2: Vamos fazer um clube do livro!

Garota 1: Boa ideia! Toda semana a gente lê um livro diferente!

Todas: Fechou!

(Música final – agradecimento)

ANEXO 6 – A Fala dos Jurados

Fala dos Jurados após a apresentação dos alunos no FESTA (Festival de Teatro da Rede) 2019.

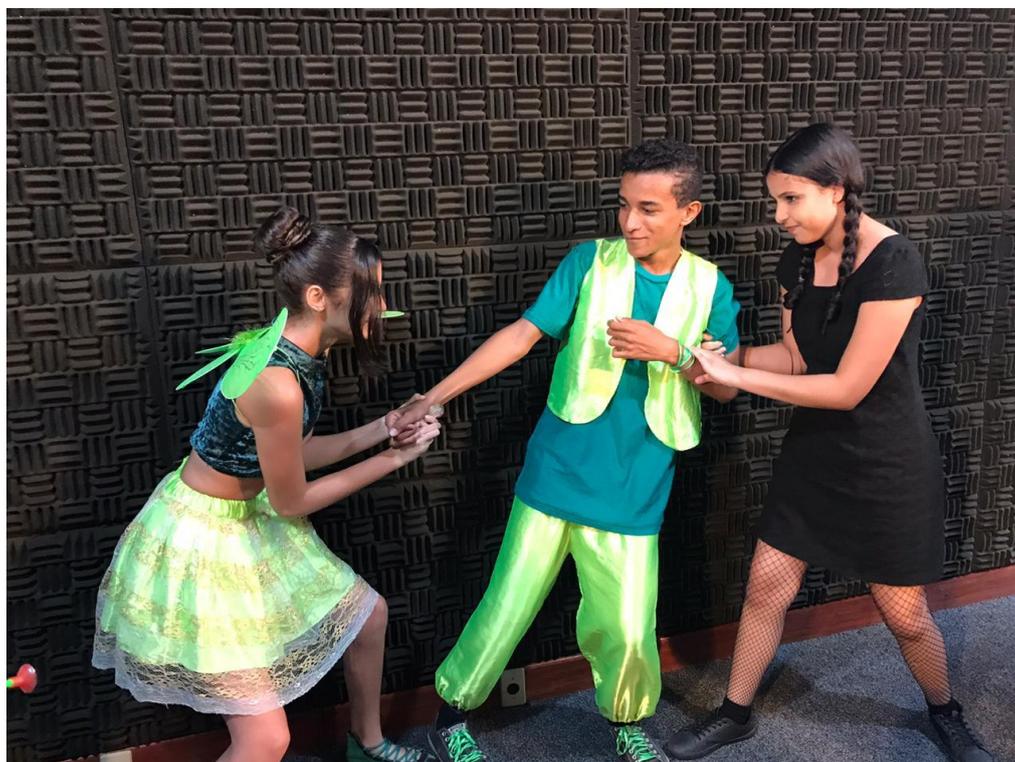
Jurado 1: É eletiva de teatro? Na minha escola também tem eletiva e já o primeiro grande desafio que eu amei: todo mundo tinha uma participação, todo mundo tinha um papel, respeitar o momento do outro e isso é muito difícil. Organizar um grupo grande desse, eu as vezes com um grupo pequeno de 5 adolescentes já é difícil, imagina 25, porque vai ter protagonista ou não vai ter? Como é que faz? Não, todo mundo teve a sua participação e isso é importante porque cada um aqui foi muito importante e essencial na cena, muito legal, né? Alguns se destacaram, te o pum do Pumba ali que salvou o mundo, mas enfim... gostei muito de como conseguiu organizar um grupo tão grande assim, sem deixar ninguém de fora [...] conseguiu dar a importância pra cada um aqui e cada um aqui com certeza se sentiu muito valorizado. Muito bom ver isso. Em alguns momentos eu percebi que vocês aceleravam um pouco a fala, não respiravam, de repente por conta do nervosismo, mas depois vocês foram ficando mais tranquilos, mais calmos [...] gostei muito de ver vocês, gostei de ver a interação e acima de tudo o respeito pelo outro. Porque um poderia de repente querer puxar a cena do outro, roubar a fala do outro, acontece com adolescente e criança, mas vocês respeitam e respeitaram, foi tudo bem sincronizado, vocês estão de parabéns.

Jurado 2: Eu só estou aqui pensando... eu vou tirar foto ao lado de qual personagem? Pô, sei lá, não tem o que dizer não, muito bacana, muito bacana ver todo mundo vivo no palco, sabe? O olho transbordava vida, sabe? Vocês estavam sabendo o que estavam fazendo. Estou repetindo talvez muitas coisas que já foram ditas. Não senti falta de nada do cenário, estava preenchido por eles, em nada afez falta. Muito bacana, muito bacana [...]

ANEXO 7 – IMAGENS



Todos Juntos no final da apresentação de Um Trio no País das Maravilhas, no Festival de Teatro da Rede. Prontos para ouvir a fala dos jurados.



A Reviravolta das Histórias: Sininho, Peter Pan e Vandinha em cena no Festival de Teatro da Rede



Final da aula-ensaio no auditório: Sininho feliz com seu personagem



Última cena: Ensaio de Um Trio no País das Maravilhas na Sala de Teatro



Ocupando a escola: teatro nos corredores



Princesas corajosas e guerreiras de A Reviravolta das Histórias



Pós espetáculo – Fada e Professora